

NOVAS DA GALIZA

—| PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇÃO CRÍTICA |—



“A minha obra é de temática pós-colonial mas nom pós-colonial. A poesia pós-colonial da Galiza está por vir, ou assim o espero”

Mario Regueira, poeta

PÁGINA 16



A Junta apropria-se do nome das ‘galescolas’ para dar aulas em espanhol

A normalizaçom lingüística passa para um segundo plano no projecto apresentado por Anxo Quintana e Carme Adán

O projecto das ‘galescolas’ tinha nascido em 2004, impulsionado polo Viveiro e Observatorio de Galescolas (VOGAL). Com este sugestivo nome, a VOGAL pretendia (e pretende) pôr a funcionar centros educativos infantis com o galego como língua vehicular, dando especial atençom ao desenho curricular ao relacionamento com o resto dos países lusófonos. A VOGAL visava angariar fundos e apoios através de um sistema cooperativo que nom excluía a possibilidade de receber subvençoms institucionais. Precisamente disto se falara numha reuniom com Carmen Adán, secretária geral da Igualdade, em Novembro de 2005, que considerou “difícilmente subvencionável” umha iniciativa privada deste género. No entanto, o que nom

considerou difícil Carmen Adán foi utilizar o nome da iniciativa popular para pôr em andamento um outro projecto de primeiro ciclo de educaçom infantil em que a normalizaçom lingüística passa para um segundo plano. A secretária apareceu com Quintana em conferência de imprensa a anunciar a iniciativa, sem citar sequer a procedência do nome, que muitos meios associam já ao rosto de Quintana. Dous dias antes, Carmen Adán tivera a pouca elegância de pôr-se em contacto com a VOGAL, nom para a informar de irem empregar a marca numha reuniom com Carmen Adán, mas para lhes pedir o domínio web da mesma. Na VOGAL dizem querer continuar com o projecto inicial, mas a jogada da Vice-Presidência já criou muita confusom. / Pág. 14

Colectivos galegos na Catalunha protestam contra o esbanjamento das instituicons no *Gran Encontro de Gallegos del Mundo* / 13



O ‘caso Muralha’ desenvolveu umha realidade que na Galiza ninguém acredita limitada à Deputaçom Provincial de Lugo

Aumenta a desconfiança nas Deputaçoms provinciais por serem ninhos de corrupçom

A DEPUTAÇOM LUGUESA NOM É A ÚNICA IMPLICADA EM CASOS ILEGAIS

Quando na sociedade galega estava a ser levantado um leve debate sobre a ‘utilidade’ das Deputaçoms provinciais, estas instituicons, herdeiras da política de negaçom das naçoms do Estado e intocáveis reminiscências franquistas, sofrêrom um duro golpe no que di respeito à sua honorabilidade: o ‘caso Muralha’, protagonizado pola Deputaçom de Lugo, onde aninhava umha trama de corrupçom operativa desde há

mais de quinze anos, desenvolveu umha realidade que ninguém acredita limitada ao feudo de Cacharro Pardo. NOVAS DA GALIZA já tem dado conta noutros números do espalhado que está o pagamento de comissoes ilegais nas quatro Deputaçoms da Comunidade Autónoma Galega. Apesar disto, e de serem as principais responsáveis da desestruturaçom territorial da Galiza, as Deputaçoms

nom estão a ser questionadas como deveriam entre os partidos políticos parlamentares, nalgum caso, como no do Bloco Nacionalista Galego, em contradicçom clara com antigas reivindicaçoms. Esta organizaçom andaria desencontrada com grande parte das suas bases e da sua história se se limitasse a pactuar com o PSOE umha Galiza de grandes áreas metropolitanas, com comarcas moribundas e províncias intactas. / Pág. 10

E AINDA...



A ESMORGA E A GENTALHA do Pichel enfrentam com mais iniciativas o assédio institucional / 07

UMHA EMPRESA CINEGÉTICA ourensana oferece a possibilidade de caçar lobos a 3.000 euros por cabeça / 06

BASES DEMOCRÁTICAS GALEGAS convocam manifestaçom com vontade unitária para o Dia da Pátria / 05

O MOVIMENTO GALEGUISTA no Berzo desde a década de 80 / 12

Opinions de Concha Rousia e Borja C. Ferreiro

Poder e Responsabilidade

CONCHA ROUSIA

“NÃO, NÃO TEMOS TODO O PODER, MAS CERTAMENTE TEMOS ALGUM, E É A NOSSA RESPONSABILIDADE EXERCÊ-LO. CADA ACTO SOCIAL, POR ISOLADO E POUCO IMPORTANTE QUE PAREÇA, CONTRIBUI PARA AVANÇARMOS NUMA OU NOOUTRA DIRECÇÃO, E PORTANTO ESTAMOS NA ALTURA DE NÃO PODER PERMITIR PASSAR UMA SÓ INJUSTIÇA MAIS CONTRA A NOSSA LÍNGUA”

As pessoas que fazemos parte das sociedades modernas temos, em maior ou menor medida, responsabilidade polo que nelas se passa. Certo é que há muito de aparente, e os sistemas estão inçados de armadilhas para minimizar a nossa capacidade de acção, e incluso para dificultar a nossa percepção dessa capacidade. Tentam convencer-nos de que, se reclamarmos os direitos legítimos, estamos a pedir sermos tratados de modo desigual, e acusa-se-nos de nos estarmos a colocar fora da legalidade que emana da Constituição espanhola, que é a “madre superiora” das leis do Estado. Quando o certo é que somos tratados de maneira desigual. Os castelhanos, por obra e graça do Espírito constitucional, têm garantidos os seus direitos linguísticos, e de nada se hão-de preocupar. Os catalães, não sem grandes esforços, têm avançado muito, e hoje em dia podemos afirmar que todas as crianças da Catalunya falam e escrevem a sua

língua. Em Euskal Herria têm conseguido incrementar o número de falantes de euskara, sobretudo entre os mais novos. E até os valencianos têm o direito a educar as suas crianças numa escola cem por cento em catalão. E aí, no final da lista, ou melhor dizendo, fora da lista, ficamos nós, os galegos e galegas. Nós, que partíamos de uma das quotas mais altas de falantes de língua materna, temos invertido o processo levando-lhe a contrária até ao sentido comum.

É certo que nós não estamos dotados do poder necessário para podermos evitar a perda de falantes da nossa língua; não, esse poder, tem-no-lo sequestrado o Estado, e utiliza-o de forma agressiva para tentar apagar as diferentes identidades nacionais que conformam a panorâmica da Península Ibérica. Não, não temos todo o poder, mas certamente temos algum, e é a nossa responsabilidade exercê-lo. Menos poder do que nós temos tinham Castela e Bóveda, ou

tantos outros... e não duvidaram em assumir a responsabilidade que emanava desse poder, apesar do grande custo que na altura representava. Por tudo isso, e por mais, nós não podemos ficar de braços cruzados, como se fôssemos bonecas a que se colocou nessa postura. Estes dias, inclusive antes que os infantários no nosso idioma sejam criados, nos ninhos das serpes já assomam as sujas e rachadas línguas para nos atacarem através de uns jornais que não podemos chamar galegos. Não entrarei aqui a falar na usurpação do nome de ‘galescolas’ por parte da Junta, pois isto não é o que preocupa a esses meios hostis. Mas, o que os preocupa, logo? É claro, sabem o que nos podem fortalecer; embora seja só uma mínima imersão de pequenos e pequenas, sabem que terá o seu efeito na nossa resistência. A história julgará os agressores da nossa identidade, os que tanto violentam a nossa dignidade, mas também nós seremos julgados; isto é algo a nunca esquecer. Nós temos poder, inclusive mais do que pensamos. Cada acto social, por isolado e pouco importante que pareça, contribui para avançarmos numa ou noutra direcção, e portanto estamos na altura de não poder permitir passar uma só injustiça mais contra a nossa língua. O processo de desfeita da nossa identidade revertirá, eu estou certa, mas até que isso aconteça temos de resistir, exigindo justiça pacificamente; nada importa que se nos esteja a



violentar de múltiplas formas, nós temos da nossa parte a razão, e a resistir venceremos. Cada um de nós deve usar a imaginação para idear formas de resistência activa... como por exemplo não aceitar nunca ser atendidos noutra língua que não seja a nossa: nem na administração, nem na consulta do médico, nem no autocarro... As cousas que podemos fazer, e que mostram o poder que temos, são inúmeras, e não aguardam polo amanhã, não, essas cousas vão à procura dele, elas teimam polo amanhã que há-de ser nosso. Além disso, não devemos esquecer nunca que somos muitos, chega com dar

uma olhadela ao mundo da cultura, que é precisamente onde radica a capacidade de resistência de um povo. Com a nossa constante acção forçaremos ademais a visibilidade da anormalidade social em que vivemos, só assim a classe política se arriscará a dar passos nessa direcção. A classe política é um carro que pode carregar as nossas mercadorias, mas nós somos os bois... e o carro, se nós não puxarmos por ele, não pode ir muito longe... É certo que devemos ser exigentes com a responsabilidade que tem a classe política, mas não devemos ser menos exigentes com a que temos nós próprios.

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tens alguma crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejás transmitir-nos alguma inquietação ou mesmo alguma opinião sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverão ser originais e nom poderán exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaborações, como também de resumí-las ou extractá-las quando se considerar oportuno. Também poderán ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antissociais intoleráveis.

Endereço: peLOURINHO@NOVASGZ.COM

ÁS VOLTAS COM A AUDIÊNCIA NACIONAL

Com a minha maior consideração: acabei de ler há um pouco o vosso jornal. Ouvira falar dele quando a lamentável Operação Castinheira. Algo tinha que ter de bom essa falcatura da Audiência Nacional, da qual também eu sou bode espiatório, ainda que por motivos bem diferentes. Informo-vos que vos leio na cadeia de Teixeiro, num módulo em que convivo com quatro bascos. Um deles passa-me o Gara, um dos jornais que nom dá só a versão oficial. Tivem que mudar de cárcere por denunciar maus tratos e umha morte: o Valedor do Povo admitiu a trâmite as minhas queixas. Nom confio no sistema, mas vivo nele, bem sabedes. Gostei muito dos artigos de Paula Carballeira e Beatriz Santos, assim como o ‘ladrillazo’ de Minho.

Esta mensagem é tam só de ánimo. E um conselho, se vos serve de algo: cuidado com a Audiência Nacional, nom vai parar com ninguém, é um tribunal de excepção. Eu soffim-na, e os bascos continuam a sofrê-la.

Pablo Santiago

ENCENARÁM EM MADRID OS RISCOS DA CENTRAL DE GÁS DE REGANOSA

Na passada quarta-feira, na reunião do Comité Cidadao de Urgência definírom-se as condições para a viagem a Madrid do próximo dia 27.

A nota de imprensa que na quinta se vos enviou informa disso e de como inscrever-se. Só um jornal, A Opinión, publicou na sexta passada, na sua edição impressa, um resumo

da referida nota de imprensa, em que som incluídos muito bem resumidos os objectivos, mas nom publicou o telefone para a inscrição.

A 18 de Junho, domingo, ainda nenhum outro jornal tinha publicado algo referente à viagem a Madrid, o que dá ideia da forte pressom censora que sobre os meios deve existir em torno dessa viagem, como também em torno de outras informações que estamos a divulgar.

Já na sexta-feira, via registo da Junta da Galiza em Ferrol, foi enviado o escrito de comunicação à Delegação do Governo na Comunidade de Madrid da concentração-encenação a realizar nas imediações do Ministério da Indústria entre as 10h30 e as 12h00 do meio-dia do dia 27:

“Nesta concentração os participantes estarán cobertos com máscaras anti-gás e uniformes de escafandrista brancos, dos empregados para a limpeza do Prestige, para realizar umha encenação e confe-

rência de imprensa pública a fim de alertar para os riscos e a ameaça à vida humana que implica a central de gás que constrói Reganosa dentro da estreita ria de Ferrol, num espaço onde ao seu redor residem 40.000 habitantes num rádio de 3 quilómetros.”

Dado que os meios nom están a informar de como inscrever-se ou solicitar um lugar na camioneta, é tarefa de todos e todas nós a difusom:

1. O telefone do Ateneu é 981357970, de segundas a sextas e das 11h30 às 13h30, para as pessoas se inscreverem individualmente sem passarem por outra associação.

2.- Para quem se inscrever através de associações, devem-se indicar numha nota o nome, os apelidos, o B.I. e o número de telefone de contacto. Essa nota nom deve ser destruída para verificar nos últimos dias que ninguém fica sem lugar.

Carmelo Teixeira

Estatutos de Naçom e Naçom de Naçons

BORJA COLMENERO FERREIRO

"A GALIZA PODE SER UMHA NAÇOM NA LITERATURA, MAS NOM NUMHA LEI ESPANHOLA ESCRITA, POLO MENOS ENQUANTO NOM FOR ALTERADO O DOGMA DA SOBERANIA NACIONAL ÚTNERA COMO FONTE DE TODAS AS LEIS.

E NOM HÁ QUALQUER OUTRA HIPÓTESE, POR MUITO QUE NOS APRESENTEM ESTATUTOS DE NAÇOM COM NOM SEI QUE MAIS COMPETÊNCIAS"

Estes últimos meses estamos a assistir ao que alguns qualificam como umha redefinição do Estado espanhol a fim de manter as relações de poder e pacificar o conflito interior que vive. A chamada II Transição, aberta após o Estatuto da Catalunha, que tanto temos que aproveitar para avançarmos como País segundo os nossos políticos nacionalistas, é exactamente mais do mesmo e a nova teoria da 'Espanha-Naçom de Naçons' é insustentável tanto do ponto de vista jurídico como do político, já que estamos perante um conceito excludente: ou Espanha é umha naçom ou a Galiza é umha naçom, mas ambas as cousas som impossíveis. Aliás, o ordenamento jurídico espanhol nom admite que a naçom poda constituir-se em comunidade autónoma no quadro da Constituição (CE) enquanto nom seja corrigido o artigo 2 (soberania nacional espanhola) e todo o Título VIII em matéria de organização territorial. Portanto, a Galiza pode ser umha naçom na literatura, nos sentimentos, no coração, etc., mas nom numha lei escrita (EA), polo menos enquanto nom for alterado o dogma da soberania nacional única como fonte de todas as leis.

E nom há qualquer outra hipótese, por muito que nos apresentem Estatutos de Naçom com nom sei que mais competências ou interpretações abertas da CE. Nom, minhas senhorias, nom nos enganem com projectos e declarações para a galeria que nom vam satisfazer as nossas aspirações nacionais. A (maldita) Constituição aparece, como nom podia ser de outra forma, como emanção da vontade da Naçom Espanhola e fundamenta-se na indissolúvel unidade da "pátria comum e indivisível de todos os espanhóis", embora reconheça o direito à autonomia das nacionalidades e regions. Mas estas nom som portadoras de soberania ou de um

direito de autodeterminação nem tenhem poder constituinte, e a CE nom é um pacto entre o Estado e as CCAA que só podem nascer a partir da Constituição. Assim, o constituinte deixa expressamente rejeitada a solução federal e o poder das CCAA nom é originário e sim derivado do estatal.

E como já dizia Castela "o sistema de Estatutos autonómicos actual é inadequado e até ofensivo para os cataláns, galegos e bascos. O Estado só preenche as necessidades de umha simples região, particularizada em alguns atributos da nacionalidade a que pertence. A inexistente Naçom espanhola representada nas Cortes de Madrid (...) mantém subordinados os demais 'seres' nacionais [...] A Galiza, a Catalunha e Euskadi, som naçons e, por conseguinte, tenhem direito a decidir em liberdade o seu futuro e a sua forma de viver, e o facto de nom se lhes reconhecer o direito de autodeterminação – inclusive para viverem com absoluta independência – será sempre um acto tirânico e antidemocrático". Pois certamente, a única solução para a construção da Galiza como País passa polo direito de autodeterminação, suprema manifestação da liberdade de um povo e a melhor garantia para a sua sobrevivência, que nasce da igualdade essencial de todos os povos, estando fundamentado nas ideias de democracia e liberdade. Assim, este direito concebe-se nom só como umha ordem colectiva, mas também como um direito humano fundamental, e torna-se preocupante constatar que recusar ao povo galego, assim como também ao basco e ao catalán, o direito de autodeterminação, como fai o enquadramento constitucional espanhol, por muito que haja quem teime no contrário, implica a obrigação de facto à submissão ou à resistência. Qual é o caminho que queremos seguir temos de decidi-lo nós.

NOVAS DA GALIZA

EDITORA
MINHO MEDIA S.L.

DIRECTOR
Carlos Barros G.

REDACTORA-CHEFE
Marta Salgueiro

CONSELHO DE REDACÇÃO
Alonso Vidal, Antom Santos, Iván García, Xiana Árias, Sole Rei, F. Marinho, Natália Gonçalves, Gerardo Uz, María Álvares.

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇÃO
Miguel García, C.Barros, A. Vidal, X. Árias

INTERNACIONAL
Duarte Ferrín
Nuno Gomes (Portugal)
Jon Etxeandia (País Basco)
Juanjo García (Países Cataláns)

COLABORAÇÕES
Maurício Castro, I. Gomes, D. Loimil, X. Carlos Ánsia, Santiago Alba, Daniel Salgado, Kiko Neves, J.R. Pichel, R. Pinheiro, Joseba Irazola, Asier Rodrigues, Carlos Taibo, Ignacio Ramonet, Ramón Chao, Germán Hermida, Celso Á. Cáccamo, João Avelado, Jorge Paços, Adela Figueroa, Joán Peres, Pedro Alonso, Alexandre F., Joana Pinto, Miguel Burros, Ana Rocha, Luís G. Blasco 'Foz', Alberte Págin

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ
Natália Gonçalves

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartín, Pepe Carreiro, Pestinho+1, Xosé Lois Hermo, Gonzalo Vilas, Farruquinh, Aduaneiros sem fronteiras, Xosé Manuel

CORREÇÃO LINGÜÍSTICA
Eduardo Sanches Maragoto

IMAGEM CORPORATIVA
Miguel García

FICHO DA EDIÇÃO: 15/06/06

D. LEGAL C-1250-02 / As opiniões expressas nos artigos nom representam necessariamente a posição do periódico. Os artigos som de livre reprodução respeitando a ortografia e citando procedência. A informação continua periodicamente no sítio web www.novasgz.com e no portal www.galizalivre.org

Os PESOS MORTOS

Ninguém alarman já os velhos diagnósticos que o nacionalismo realizara, década após década, sobre as grandes ameaças à nossa saúde colectiva. Do papel das hidroeléctricas ao rumo das grandes infraestruturas de transporte; da sangria migratória à reordenação territorial de paróquias e comarcas. Todas estas questões ainda vivas constituem, depois de anos de pedagogia e insistência, lugares comuns que mesmo a imprensa espanhola maioritária reconhece como grandes problemas nom resolvidos.

Que todo o país fale de reformas urgentes nom implica a via livre a propostas de ruptura. O facto de estarem a ser postas em causa as instituições provinciais enquadra-se antes na linha de otimizar e modernizar a andaimagem actual do que na de acometer novos horizontes. Enquanto a Galiza civilizada leva as maos à cabeça pola corrupção escandalosa do

'caso Muralha', um silêncio profundo cai por cima das denúncias contra Fernández Moreda e as suspeitas que mancham a Deputação corunhesa; enquanto o nacionalismo institucional di suster a velha ideia de umha administração de base comarcal, pactua com um PSOE que sonha com a autonomia das províncias e dos grandes municípios. E como agora as defesas do carácter nacional ou da obrigatoriedade do galego se podem enunciar perfeitamente em espanhol, as formulações de umha nova territorialidade galega respeitarán a divisão oitocentista e a exclusão do leste do País.

No entanto, perante a ausência de um verdadeiro clamor popular, diverso e unitário, que chame por um vasto programa de reformas profundas, os grandes pesos mortos continuarán a desenhar o dia-a-dia de umha naçom de escasso ímpeto.

SUSO SANMARTIN



Javier de Burgos (1778-1843), O HOME.



NOTÍCIAS



Protestos maciços da vizinhança descobrem intenções urbanísticas do PP em Nigrám

REDACÇOM / A maciça concentração vicinal perante a Cámara Municipal de Nigrám que tinha lugar no passado dia 2 e que desembocou em confrontos com a Guarda Civil está dando os seus frutos. Os vizinhos da vila viguesa desvendavam um plano de ordenação do terreno em que se via às claras o desmedido afam urbanizador da vereação municipal, que longe de combater a saturaçom de edificios apostava em autorizar mais construçoes na zona. O alvo dos protestos era também a requalificaçom de terrenos sem justificar ou o tráfico de influencias.

Assim, 80% da zona residencial (algo mais de 7.000 habitaçoes) está situada em frente do litoral, ocupando 25% do termo municipal.

O novo plano geral gerido polo presidente da Cámara Rodríguez Millares e a sua equipa de governo pretendia a requalificaçom de muitos terrenos contiguos adquiridos por pessoas vinculadas ao rege-

dor, como é o caso do presidente do Celta, Carlos Mouriño, o vice-presidente, Ricardo Barros e um conselheiro do clube celeste, Antonio Rosendo. Os directivos do clube vigués comprárom um total de 123.000 metros quadrados em que se poderiam construir casas de até duas alturas. A promoçom dos terrenos reportaria suculentos beneficios aos directivos celestes que realizárom a compra através da sociedade Metrowest Europa S.L de que som os únicos administradores Carlos Mouriño e Antonio Rosendo. A aquisiçom dos terrenos fijo-se quando Alfredo Rodríguez era presidente da Cámara e director geral do Celta e sem ter havido informaçom pública das parcelas a requalificar.

Ademais, um informe da Junta do mês de Abril alertava sobre a duplicaçom do número de habitaçoes, já que o novo plano incluía a oferta de 7.000 mais, a ordenaçom em espaçoes litorais protegidos, como a área florestal de Monte Ferro, ou a

construçom de um campo de golfe em Cham de Brito sobre jazigos arqueológicos protegidos por lei e que som património cultural.

Sob a denominaçom de "agregado litoral" Rodríguez Millares criou umha figura que serve para Nigrám explicar a necessidade de concentrar o maior número de edificios numha curta extensom de terreno em frente do mar. O "agregado litoral" nom deixa margem para edificar no meio rural, que o plano protege de forma mais que suspeita contra a construçom de casas; neste caso sim se aplica a proteçom ambiental de rios, ainda que leito abaixo seja possível construir.

Os vizinhos e vizinhas exigiam, no dia em que o presidente da Cámara pretendia aprovar sem obstáculo nenhum o PGOM, umha distribuiçom mais equitativa das zonas em que construir no município e opunham-se frontalmente à figura do "agregado litoral" que pretendia converter Nigrám num bairro residencial de Vigo.



Anxo Quintana dá o seu apoio ao polémico PGOM de Vigo

REDACÇOM / Numhas recentes declaraçoes em resposta às acusaçoes realizadas polo PSOE contra o PGOM, o vice-presidente da Junta afirmou que "em termos básicos, o PGOM estabelece medidas positivas para Vigo, mas tem, com certeza, aspectos melhoráveis". O BNG confirma assim definitivamente a sua posiçom favorável a um plano que pactuou com o PP local de Vigo com a oposiçom do PSOE, partidos independentistas e numerosos colectivos sociais e vicinais da cidade.

O controvertido plano bateu o recorde de alegaçoes apresentadas, mais de 61.000, deixando em insignificante o número de 3.100 do Plano urbanístico anterior de 1993.

As linhas principais das críticas ao Plano PP-BNG situam-se, para além da "inaceitável ocultaçom e a falta de transparência no acesso público", na importância desmedida que se dá à actividade imobiliária como motor económico da cidade, com previsoes de crescimento do sector da habitaçom – baseados em dados irreais ou desmesurados – até chegar a duplicar o tamanho e a densidade populacional, sem isto se reflectir em serviçoes adequados. Este crescimento é também considerado

excessivo polo professorado da Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais, ao considerá-lo desajustado à verdadeira escala da cidade – as habitaçoes passarão das 122.000 actuais a 250.000 em só vinte anos. Para este colectivo, o inexplicável incremento está claramente relacionado com aspectos especulativos do preço da habitaçom. Critica-se do mesmo modo o incumprimento da percentagem de 20% de reserva para habitaçoes de proteçom oficial (mínimo legal), enquanto no bairro de Teis, por exemplo, está previsto o derrubamento de 500 casas particulares para construir andares de promotores privados. A desproteçom de espaçoes até agora preservados, a falta de coordenaçom metropolitana – com numerosos Planos de Ordenaçom Municipal da área de Vigo a tramitar-se sem a necessária confrontaçom –, a agregaçom de umha tipologia de torres enormes em frente do mar nom acordos com o entorno, ou a separaçom de bairros por vias que a vizinhança nom vê precisos, som algumas das eivas que a populaçom viguesa crítica do chamado 'plano do tijolo', e polas que se tem manifestado na rua em diversas ocasiões.

Para Cabasa de Maceda 20

desmolda

LOCAL SOCIAL * OURENSE - GALIZA

A FÁBRICA de VILANOVA

A FÁBRICA de VILANOVA
casa de xantar - café - museo

Rua Vila Nova s/n
32 660 Alheriz - Galiza
988 442 434

LIBRERIA

Conde

Emilia Pardo Bazán, 11-13
988 431 204 - libreriaconde@terra.es
32800 CELANOVA Ourense

alto minho

associaçom cultural

Rua Catezal, 15 - Apdo 289 Lugo
correo@altominho.org
www.altominho.org

CAMPONGA

CAMPONGA

CAMPO GASTELO DE LUGO

FPG inicia nova política de alianças e adopta modelo organizativo de partido

Anunciam criação de plataforma para as próximas eleições municipais

REDACÇOM/AV Assembleia Nacional da FPG optou por mudar o seu carácter frentista para assumir a estrutura clássica de partido comunista no passado dia 21 de Maio em Vigo. A principal conclusão do plenário foi um chamamento para se porem “em andamento todas as iniciativas que se considerem necessárias para promover os mais amplos acordos” com os sectores interessados no que denominam a “reconstrução orgânica da esquerda nacionalista”. Aspiram a “articular umha esquerda radical na Galiza” que entendem “inexistente neste momento para além da FPG”, ao mesmo tempo que omitem qualquer referência à iniciativa das Bases Democráticas Galegas, fazendo um apelo que permita a superação de qualquer “sorte de atitudes sectárias” para dar forma a um processo que “deverá produzir frutos efectivos a curto prazo e nunca mais além do actual governo autonómico”. Destacam a

necessidade da intervenção institucional como meta para “superar o anquilosamento” e a vontade de recuperar o “nacionalismo histórico de esquerda”.

A militância da Frente Popular Galega elegeu novamente Mariano Abalo como secretário geral e outros seis membros do novo Comité Central.

Unidade da Esquerda Galega

No cenário das novas alianças, as siglas da FPG começam a citar-se na imprensa diária como integrante de umha coligação para as eleições municipais de 2007: Unidade da Esquerda Galega. A plataforma estaria também integrada pola Corrente de Esquerdas (criada no BNG), ex-militantes do BNG e de Esquerda Galega.

Em declarações publicadas, o membro da CIG-Emigração Xan Pérez Leira definiu o projecto como autodeterminista e de esquerda, ainda que ampliasse o leque aspirando a integrar forças como Esquerda Unida, o Partido Humanista ou Os Verdes. As localidades onde anunciam candidaturas som Vigo, Cangas, Ponte Areias, Ferrol e Lugo.

Organiza-se mobilização soberanista para o Dia da Pátria

◆ As Bases Democráticas Galegas fôrom a primeira entidade nacionalista do País a tornar pública a sua proposta de mobilização perante o vindouro Dia da Pátria. Num comunicado de imprensa enviado a esta redacção e a outros meios de comunicação galegos, o coordenador geral da iniciativa, Bráulio Amaro Caamaño, informou da convocatória de umha manifestação de vontade unitária.

Com o slogan ‘Estatutos nom. Autodeterminaçom’, o organismo

declarou que “grandes questons como a defesa da língua ou da autodeterminaçom” nom podem submeter-se aos interesses partidários. Apostam assim em organizar umha manifestação que se pretende “aberta a todas e todos os galegos” que consideram necessário o reconhecimento de “um âmbito próprio de decisom”. Desta maneira, nas Bases ponhem em causa a legitimidade de umha reforma estatutária “que poderia ser um dos resultados de um processo de autodeterminaçom, mas

nom um processo imposto a priori que fecha qualquer outro possível relacionamento da Galiza em relação com a Espanha”.

A manifestação convocou-se para as 13h00 e partirá da Alameda de Compostela, com o intuito de que pessoas de “partidos e organizaçons diversas” podam secundá-la à margem da sua particular escolha. A propaganda das Bases (redigida como sempre nas duas normas do galego) nom tardará em estar presente nas ruas do País.

Confronto de militantes de BRIGA com militares espanhóis em Ponte Vedra

REDACÇOM/ Jovens da organização juvenil independentista BRIGA protagonizárom um confronto com membros da polícia militar na Alameda de Ponte Vedra em meados do mês de Maio. Como resposta à presença de um autocarro de recrutamento do exército espanhol na cidade do Leres, jovens independentistas desdobrárom umha faixa reivindicativa e lançárom pintura cor-de-rosa contra as instalaçons cas-

trenses. A reacção dos militares nom tardou, rompendo a faixa da organização juvenil e tentando dispersar as pessoas concentradas.

Num comunicado enviado a diversos meios de comunicação, BRIGA encorajou a mocidade galega a mostrar a sua rejeição às forças militares espanholas, “dando continuidade à importante campanha contra o desfile da Corunha desenvolvida em 2005”.

A banca e as construtoras, objectivo de sabotagens em Culheredo e Arouça

REDACÇOM/ Na noite de 20 de Maio, Culheredo foi a localidade escolhida para umha açom contra um banco, a segunda contra o BBVA neste ano. Um explosivo composto por bilhas de butano e um temporizador rebentou à entrada das instalaçons do prédio bem entrada a madrugada. As ou os autores da sabotagem fechárom o banco com umhas cadeias e deixárom umha nota em que se podia ler ‘perigo bomba’. A policia e certos meios de comunicação

vinculárom a sabotagem com um carro incendiado que apareceu nos arredores.

Por outro lado, na Ilha de Arouça várias máquinas escavadoras fôrom inutilizadas com bombas incendiárias na noite de 8 de Junho. Segundo a Guarda Civil, a açom pode relacionar-se com um novo caso de oposição vicinal a urbanizaçons litorais. A construçom de habitaçons em Cabodeiro já fora rejeitada publicamente por parte da vizinhança da zona.

CRONOLOGIA

◆ 10.05.2006

Tourinho quer acelerar trâmites do AVE até Vigo

◆ 11.05.2006

Desconvocada a greve do metal em Ponte Vedra

◆ 12.05.2006

CIG denuncia desvio de trabalho do SERGAS para a medicina privada

◆ 13.05.2006

Chega o aviom para emergências marítimas

◆ 14.05.2006

500 pessoas concentradas em Tourinhám pedem autorizaçom para a estaçom de piscicultura

◆ 15.05.2006

Início das obras da auto-estrada do Salnés

◆ 16.05.2006

Aprovam-se pagamentos por danos de animais selvagens

◆ 17.05.2006

Presidente da RAG pede obrigatoriedade para o conhecimento do galego

◆ 18.05.2006

Estende-se gratuidade dos livros de texto

◆ 19.05.2006

Continuam detençons por presumíveis irregularidades na Deputaçom de Lugo

◆ 20.05.2006

Barcos da Corunha pescam cascalhos das obras do Porto Exterior

◆ 21.05.2006

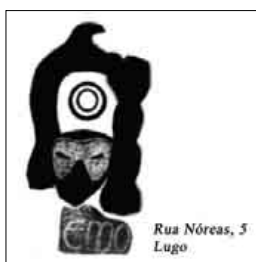
A viguesa Chus Lago abandona cruzamento da Groenlândia

◆ 22.05.2006

Dous detidos reconhecem ter recebido comissoes na Deputaçom de Lugo

◆ 23.05.2006

Tránsito gratuito na Barcala e Rande





◆ 24.05.2006

Governo central anuncia criação da zona hidrográfica do Minho-Sil

◆ 25.05.2006

Cacharro Pardo considera inadmissível a presença de meios na actuação do fiscal

◆ 26.05.2006

Conselheiro do Meio Ambiente considera que a presidenta da Cámara viguesa se opom à nova depuradora

◆ 27.05.2006

Sindicatos agrários suspendem greve por baixo preço do leite

◆ 28.05.2006

Chegam os marinheiros sobreviventes do Danish

◆ 29.05.2006

Ampliação do horário do Registo Civil

◆ 30.05.2006

Tourinho anuncia que a ENCE será transferida na primeira parte da legislatura

◆ 31.05.2006

Fejíj acusa Tourinho de ocultar informação sobre a ENCE

◆ 01.06.2006

Pessoal interino da Junta reclama reordenação de vagas

◆ 02.06.2006

Primeiros incidentes em Nigrám

◆ 03.06.2006

Dous encapuzados assassinam moço em Coristanco

◆ 04.06.2006

Meios de vigilância nas praias abaixo do mínimo

◆ 05.06.2006

Vaga de calor saariano

◆ 06.06.2006

Aprovada lei de direito civil para a Galiza

◆ 08.06.2006

Trabalhadores do metal cortam caminho-de-ferro em Vigo

◆ 09.06.2006

Possível derrubamento de um hotel em Oja por incumprimento de legalidade

◆ 10.06.2006

Apoio de Tourinho ao Estatuto catalán



Empresa ourensana oferece possibilidade de caçar lobos a 3.000 euros por cabeça

Cinegéticas de San Mamed corresponde-se com a anteriormente chamada TECSAGES, responsável pola conflituosa gestom de umha área destinada à caça maior incluída na Rede Natura 2000

REDACÇOM / “Temos umha pequena oferta de cervo e umha ainda mais exclusiva, com possibilidade de abater um lobo galego. Devemos isto à nossa guardaria, que simplesmente nom falha – o lobo nom obedece a regras”. Tal oferta pode ler-se literalmente em www.publimuz.com/clientes/cazaourense/index.html, página onde a empresa Cinegéticas de San Mamed disponibiliza o seu catálogo em matéria de caça. No web, para além de numerosas possibilidades dentro da legalidade estabelecida polos correspondentes responsáveis pola gestom cinegética do nosso país, oferece-se também a possibilidade de abater um lobo por 3.000 euros/cabeça, para além dos 240 que custa efectuar a reserva.

O lobo é umha espécie protegida que nom pode ser caçada salvo em casos de danificações especiais e provadas às populações humanas e prévia autorização administrativa. Porém, no couto da Gudinha-Pentecaniço esta legalidade está a ser desrespeitada por umha das empresas cinegéticas mais importantes da provincia de Ourense, que ademais está a organizar estas caçadas durante o período de cria dos lobos.

A Federação Ecologista Galega já remeteu um escrito para a Conselharía do Meio Ambiente solicitando explicações sobre o papel exercido polos responsáveis do Serviço de Caça e Pesca desse departamento quanto às autorizações, controlos, vigilância e revisons administrativas das memórias técnicas dos

TECOR ourensanos. Nesta queixa chama-se a atençom também sobre o facto de os encarregados desta tarefa serem os mesmos que durante a anterior legislatura, apesar de se tratar de cargos de livre designaçom. A FEG solicitou igualmente informaçom sobre o facto de a supervison das memórias técnicas dos planos de caça irem ficar nas maos de umha assistência técnica supostamente relacionada com umha importante associaçom de produtores deste campo, em lugar de ser efectuada polos técnicos da Conselharía.

As irregularidades em matéria de caça na provincia de Ourense nom som novidade. Já em 2002 a Comissom Europeia do Meio Ambiente

solicitara ao Estado espanhol informaçom sobre a regulaçom cinegética nessa provincia ao ter recebido umha denúncia que alertava de que o período de caça da coturnix coturnix (paspalhás) nom estava a realizar-se de acordo com os requisitos da Directiva sobre Conservaçom das Aves Silvestres. Além disso, Cinegéticas de San Mamed nom é senom o novo nome da anteriormente chamada TECSAGES, responsável pola conflituosa gestom da tapada de caça maior do vidoeiral de Monte de Ramo, situada dentro da Rede Natura 2000 e na qual foram detectadas irregularidades como o seu financiamento através de umha subvençom da UE destinada à promoçom pecuária.

Auto-estrada AG-64 ameaça jazigo arqueológico nas Pontes

REDACÇOM / O círculo lítico da Mourela poderá ser arrasado polo avanço das obras da auto-estrada AG-64, que serve de enlace entre a auto-estrada A-9 e a localidade das Pontes no projecto de infra-estruturas para a auto-estrada Ferrol-Vilalva. O achado descobriu-se no desenvolvimento das escavações para abrir passo à nova via, quando já se tinha considerado destruído. A apariçom dos restos arqueológicos adiu a inauguraçom deste trajecto, prevista para Maio, mas a Conselharía da Política

Territorial que dirige Maria José Caride quer recomençar as obras o antes possível com a “autorizaçom de Património”, mantendo assim o traçado inicial.

O arqueólogo que coordena as escavações, Jacobo Vaquero, denuncia que Património optou por “destruir os restos do achado e obviar os informes que estão a ser enviados desde Agosto de 2005”, impedindo umha investigaçom pormenorizada ou a própria conservaçom de um jazigo de alto valor patrimonial. Se afinal avançassem as

obras, estaríamos perante um caso semelhante aos que denunciávamos no número 28 desta publicaçom, quando detalhávamos o papel cúmplice da Direcçom Geral de Património na destruiçom de jazigos arqueológicos para abrir caminho a grandes obras infra-estruturais, como prática sistemática de Política Territorial desde a época de José Cuíña. Vizinhos e vizinhas da zona já se constituírom em Plataforma para a Defesa do Círculo Lítico da Mourela para assim coordena-

narem diversas iniciativas. Depois de se reunirem e terem chegado a acordos com a Direcçom Geral de Património, asseguram que o ente está a incumprir os compromissos de controlar os desmontes e garantir um controlo arqueológico rigoroso. Na Plataforma continuam a organizar actividades informativas e mobilizações para deter as obras da auto-estrada enquanto nom se garante a recuperaçom do círculo lítico ou se anunciem alternativas aos planos da Conselharía.

Centros sociais contestam repressom dos governos municipais de Ourense e Compostela



REDACÇOM / Depois do encerramento do centro social ourensano da Esmorga, o Pichel de Compostela está a ser alvo de medidas repressivas por parte do governo municipal, que lhe impuio multas polo valor de mais de 1.200 euros com base em ordenanças locais que restringem a difusom de propaganda no centro histórico da capital galega. As sançoms produzem-se após o impedimento de finalizar os actos previstos para o Dia das Letras, em que dous grupos musicais nom puderam actuar pola interrupçom do abastecimento eléctrico por parte da Câmara municipal.

No passado dia 10 de Junho as ruas de Ourense acolhiom umha manifestaçom de solidariedade com a Esmorga, que juntou perto de duzentas pessoas que depois se reunírom num concerto solidário. No mesmo dia, um grupo de activistas estivo presente com umha grande faixa durante a leitura do pregom que abria as festas do Corpus. Enquanto a pregoeira Maria do Céu lia o texto ao mesmo tempo que era exibida a faixa, umha pessoa

disfarçada de urso subiu ao palco com um cartaz pendurado em alusom ao encerramento do centro social, que provocou grande surpresa entre o público. Dous dias antes, integrantes do colectivo da Esmorga ocuparam as duas últimas carruagens do comboio turístico que percorre a cidade, mostrando um cartaz reivindicativo e distribuindo propaganda durante o trânsito do veículo.

A Gentilha do Pichel respondeu à pressom da Câmara Municipal difundindo publicamente as sançoms recebidas e organizando umha festa-concerto no passado dia 15 de Junho, que contou com a formaçom Serra-lhe Aí e vários artistas solidários que fõrom amenzando a jornada destinada a angariar fundos e apoios para fazer frente às multas.

Continua Escola Popular de Alto Minho

◆ A associaçom cultural lucense apresentou no passado mês de Maio a sua I Escola Popular, centrada nesta ocasiom em temáticas relacionadas com a situaçom laboral e sindical. Alto Minho soma-se assim às diferentes iniciativas de formaçom alternativa que se están a tecer ao longo da geografia galega, propondo fóruns participativos para debater “temas de importancia na nossa vida diária, com futuras conclusoms das quais tirar liçoms para a prática”, tendo como objectivo “ensaiar novas fórmulas e modos de acceder à educaçom”.

Até o momento já se celebrãrom três palestras nas quais foi abordada a história do sindicalismo nacional, o tratamento de documentos legais e acordos reguladores das relaçoms laborais, as ETT's, as mútuas e a saúde no trabalho. Ficam ainda por ter lugar novas aulas sobre a situaçom da classe trabalhadora na União Europeia, o sindicalismo agrário e formas de auto-organizaçom operária. A Escola Popular conta com a colaboraçom da CIG e o SLG e desenvolve-se no centro social da associaçom, situado no número 15 da rua Catassol de Lugo.

Socorro Vermelho Internacional denuncia torturas a comunistas

REDACÇOM / Carmen Cayetano Navarro, umha militante viguesa do Partido Comunista de Espanha (reconstituído), é umha das três pessoas detidas pola Guarda Civil numha recente operaçom contra os GRAPO. Junto com Arantza Díaz Villar e José García Martín, foi detida num andar da localidade catalá de Reus no passado dia 9 de Junho. O Ministério do Interior acusa-os de pertencemem à referida organizaçom armada.

Em relaçom com estas detençoms, a associaçom solidária Socorro Vermelho Internacional denunciou que padecãrom torturas físicas e psicológicas: golpes na coluna, contusoms em todo o corpo e vexaçoms sexuais no caso das duas mulheres. Neste organismo fum um chamado a denúncia e à solidariedade com estas três pessoas, agora presas em Soto del Real, e todas elas com um dilatado historial nas fileiras do PCE(r).



Operaçom Castinheira continua com nova detençom em Ourense

REDACÇOM / O sócio da Associaçom Cultural ‘a Esmorga’ e militante independentista Rubém Lopes era detido no passado dia 31 de Maio por efectivos da Guarda Civil ao amparo do sumário 1965/05, a chamada Operaçom Castinheira, mas por ordem directa do instituto armado, sendo libertado no mesmo dia depois de se ter recusado a depor. O jovem, ao que imputam a mesma relaçom de acusaçoms que aos detidos e detidas em finais de 2005, é a décima terceira pessoa incorporada ao processo. À diferença das anteriores ocasioms, esta nova detençom e processamento nom obtivo eco nos principais meios de difusom de massas, sendo dado a conhecer unicamente através das redes de comunicaçom alternativa. A chave da divulgaçom

deste tipo de informaçoms parte das notas de imprensa da própria Guarda Civil, que nesta ocasiom preferiu silenciar a nova detençom que se acrescenta à operaçom repressiva.

Da parte da Assembleia da Mocidade Independentista denunciou que o processo que nasceu com as detençoms de Novembro “abre a veda” para deter independentistas “quando aos juizes lhes apetece”, facto que, asseguram, nom vai deter a actividade da organizaçom. O organismo anti-repressivo Ceiivar alertou sobre o “estado de excepçom permanente” que vivem dúzias de militantes e convocou concentraçoms e assembleias informativas em Compostela, Corunha, Ourense, Ponte Vedra, Vigo e Lugo.

Fórum das Bases Democráticas Galegas soma-se às diferentes vozes que assinalam autodeterminaçom como chave para o futuro da Galiza

REDACÇOM / A facultade de História da capital galega acolheu um fórum crítico com a reforma do Estatuto organizado pelas Bases Democráticas Galegas (BDG) no passado sábado 3 de Junho. O seu objectivo centrou-se em defender a “necessidade da implicaçom popular directa na tomada de decisoms contra a prática actual das elites políticas”, reivindicando a defesa do “reconhecimento do direito à autodeterminaçom do povo galego” como requisito indispensável para adoptar qualquer reforma do quadro jurídico-político. Ao longo

do dia, o debate estruturou-se em três mesas em que contãrom com um elenco intergeracional de pessoas significativas do activismo e o pensamento crítico. As primeiras intervençoms tivãrom como protagonistas Isaac Díaz Pardo e Avelino Pousa Antelo, que explicãrom a sua experiência pessoal na aprovaçom do Estatuto de 1936 e estivãrom acompanhados polo historiador Xusto Beramendi. O texto estatutário de 1981 centrou o segundo debate, com a participaçom de Camilo Nogueira e Xesús Veiga. E a relaçom entre as

reformas políticas e os movimentos sociais foi abordada na terceira mesa, que contou com a participaçom do ambientalista Pedro Alonso, o activista cultural Antón Dobao, o filósofo Domingos Antom García, a feminista Laura Ogando e o activista vicinal Celso Comesanha. As BDG continuam a trabalhar por aglutinar sectores amplos que assentem as bases necessárias para que “podamos exercitar o nosso direito a decidir”, reclamando um âmbito de decisom próprio para o exercicio da soberania nacional.

CIG, EN e Fundaçom Castelao
Numha alternativa estatutária elaborada pola CIG solicita-se o “reconhecimento da Galiza como naçom e do seu direito de autodeterminaçom”, dado que “os poderes públicos da Galiza” devem emanar “da soberania do povo galego”, assim como a criaçom de umha Agência Tributária própria e o estabelecimento de umha relaçom bilateral com o Estado. Reivindicam a reclamaçom histórica de um “quadro de relaçoms laborais próprio” e proponhem um articulado que trata questoms económicas, sócio-laborais

e fiscais para o avanço da soberania e os direitos da classe trabalhadora. Por seu turno, o presidente da Fundaçom Castelao reivindicou o direito à plena soberania na sua comparecência perante a Comissom para a Reforma do Estatuto, na qual também reclamou umha circunscriçom eleitoral única e a possibilidade de votar listas abertas nas eleiçoms. Esquerda Nacionalista, integrada no BNG, aproveitou um comunicado em apoio à independência de Montenegro para reclamar o mesmo direito para o povo galego.

INTERNACIONAL



Colômbia: Uribe eleito sob condições repressivas com só 25% dos votos

DUARTE FERRIN / Perto de 60 % do eleitorado não votou e o abstencionismo superou em mais do dobro os votos de Uribe, que conseguiu só 25 % do eleitorado, quer dizer, 62 % de 40 % que votou.

Os paramilitares estiveram envolvidos no processo apresentando os seus candidatos e fazendo-se ver por toda a parte antes e durante a votação. Houve muitos ataques militares nas comunidades rurais, mesmo os dias das eleições, e existiu uma enorme presença de tropas até segundos antes de votar.

Durante toda a semana pré-eleitoral, registaram-se sucessos violentos que deixaram 20 fardados mortos, entre eles 10 polícias pelo chamado 'fogo amigo' de soldados do exército.

O dia das eleições havia 230 mil soldados e polícias distribuídos por todos os pontos de votação; cada votante tinha que sofrer um registo intimi-

dativo por oficiais armados antes de entrar para votar.

Em amplas regiões agrárias do sul do país foram transferidas as mesas de votação para as cabeceiras municipais, com o qual se impediu o acesso às urnas de milhares de votantes, a maioria indígenas. Há sinais de uma gigantesca fraude em vários municípios da costa atlântica, onde exercem o domínio os grupos paramilitares de extrema-direita, cuja influência nas recentes eleições legislativas foi determinante.

Por outro lado, as eleições mostram um grande salto no voto da esquerda. Apesar da fustigação de todos os meios de comunicação de massas apoiando Uribe, a esquerda atingiu 22 % do eleitorado, deslocando o Partido Liberal como alternativa aos conservadores. Agora, o país, pelo menos eleitoralmente, reproduz a polarização social entre a esquerda e a direita: camponeses e operários contra a oligarquia e a guerrilha contra os EUA dirigindo o exército colombiano.

Reeleito Uribe, reafirma-se o poder da direita, a elite económica e financeira, a hierarquia eclesiástica, os meios de alienação em massa e os paramilitares. Ganha a política das privatizações. Aprovarão o TLC (Tratado de Livre Comércio), com o qual cederão, ainda mais, espaços de soberania nacional e segurança alimentar, garantindo-se um alto rendimento aos investimentos estrangeiros e blindando maiores mercados às transnacionais. Os gringos seguram, durante mais quatro anos, o mais fiel laço da região, e principal conspirador contra a Venezuela.

Continuarão, igualmente, as extradições, espalhará-se a pobreza e a miséria do povo, e continuará a política de deslocamento forçado, o assassinato e a perseguição da oposição.

Iraque: as tropas invasoras praticam tiro com civis em Ramadi

DUARTE FERRIN / Ramadi era uma cidade controlada pelos combatentes da resistência, sentiam-se muito seguros, não se cobriam as caras e os estado-unidenses fugiam deles. Os invasores não podiam ganhar uma guerra de infantaria com eles, por isso começaram a bombardeá-los em massa. Bombardearam as centrais eléctricas, as instalações de tratamento de água e os canos, a central de telefones, a estação de comboios e muitas, muitas casas. No momento actual, Ramadi está isolada do resto do Iraque.

É quase impossível aceder estes dias a Ramadi. Muitos civis são assassinados por franco-atiradores estado-unidenses apostados nos telhados das casas, entremetidas as famílias som retidas no piso inferior. Indo pela rua principal veem-se edifícios destruídos e tendas de campismo militares colocadas sobre os edifícios que servem de guarida aos franco-atiradores que disparam contra tudo o que se mexer, ainda que o combate seja noutra sítio e sem distinguir entre civis ou combatentes.

Estão a matar numerosos civis que não são combatentes. Muita gente foi assassinada

porque desconhecia simplesmente quais são as áreas da cidade onde não se pode entrar. Após o primeiro semáforo da rua principal já não se pode continuar para diante, só para a esquerda ou para a direita, o caminho está bloqueado, não com betão, mas com franco-atiradores. Qualquer pessoa que ultrapasse a linha a caminhar pela rua será assassinada. Não há avisos que indiquem que não se pode continuar: "as pessoas que não conhecem essa situação, só com uns quantos metros à frente, são assassinadas."

Um vizinho conta a morte de um rapaz: "Ia para a escola, por volta das oito da manhã, levava os seus livros e ia atravessar a rua. De repente, caiu ao chão. Pensei que tinha caído por algum problema na perna, mas ficou lá, durante muito tempo. Soubem que um franco-atirador o tinha atingido. Um dos irmãos desse rapaz, tentou recolhê-lo e deus dos passos para ele com o propósito de o levar. Os franco-atiradores dispararam-lhe e não puderam continuar a tentá-lo. O menino permaneceu lá a sangrar durante quatro horas. Dispararam-lhe na cabeça."

NOVAS DE ALÉM MINHO

NUNO GOMES / O início do mês de Maio foi a altura escolhida pelo governo português para anunciar o projecto Portugal Logístico.

Este consiste numa rede de plataformas logísticas (11) que cobrirá a quase totalidade de Portugal continental, tendo como objectivo a transferência de mercadorias entre os transportes marítimo, ferroviário e rodoviário. Junto à fronteira com a Galiza irão surgir duas de um total de quatro plataformas transfronteiriças a edificar, sendo uma em Valença e a outra em Chaves. A plataforma logística de Chaves é uma das duas que se encontram praticamente concluídas, e será a única a não ter um interface com o modo ferroviário. O investimento total será próximo dos mil milhões de euros, a investir ao longo dos próxi-

mos sete anos, arcando o Estado português com apenas 15% dos custos.

A construção de uma ponte a ligar Caminha e a Guarda, no prolongamento da auto-estrada A28 (que tem o seu término em Caminha), não consta dos planos do governo português. Para a presidente da Câmara de Caminha, Júlia Paula, esta ligação teria todo o sentido, de modo a rematar a auto-estrada já em construção entre a Guarda e Tui.

A secretária de Estado dos Transportes, Ana Paula Vitorino, pôs a hipótese de se avançar primeiro com a construção do troço Braga-Valença da nova ligação ferroviária entre o Porto e a fron-

teira galega (parte da futura linha Lisboa-Corunha). Uma construção faseada permitiria a rentabilização da linha do Minho, já modernizada entre o Porto e Braga.

A A24 está um pouco mais próxima da sua conclusão. A auto-estrada, parte integrante do IP3 (Figueira da Foz-Chaves), fará a ligação entre Viseu e Chaves. Só se encontrava aberto ao trânsito o troço Viseu-Vila Real, que se prolongou esta semana até Fortunho, ficando Vila Pouca de Aguiar a 17 quilómetros de distância. O troço entre Vila Pouca de Aguiar e Pedras Salgadas será o próximo a abrir, em Novembro, estando agendado para 2007 a conclusão do troço entre Fortunho e Vila Pouca de Aguiar.

O Espaço Maus Hábitos, no Porto, tem patente uma exposição de jovens artistas galegos. A mostra, intitulada AP9-A3, prolonga-se até ao dia 2 de Julho. Também no Porto, mas na Culturgest, realiza-se uma exposição dedicada a Dominguez Alvarez (até 15 de Outubro). Este pintor, nascido no Porto mas filho de galegos, teve na Galiza fonte de inspiração para muita da sua arte pictórica.

Realizou-se em Lagos, no Algarve, o 2º Festival de Cinema dos Países de Língua Portuguesa, englobando uma miríade de outros acontecimentos relacionados com o cinema. Em Maputo, Moçambique, realizou-se o 3º Simpósio Internacional "Língua Portuguesa: Diálogo entre Culturas", sob o tema "A Viagem na Literatura".

António Nobre, poeta portuense (1867-1900), foi o tema que juntou uma comitiva de galegos e portugueses, que visitaram lugares importantes da vida do poeta. Esta iniciativa, promovida pela Delegação Regional da Cultura do Norte e a Junta da Galiza, decorreu pelo Porto, Penafiel e Marco de Canaveses. O próximo encontro (de uma série que já incluiu Rosalia de Castro) irá conhecer, em Outubro, os percursos literários de Ramón del Valle Inclán. A comemoração dos 250 anos da Região Demarcada do Douro também irá juntar outra vez as duas instituições, em Setembro, no Pinhão, através da homenagem aos galegos que trabalharam na transformação do Douro numa paisagem vinícola.

As deputaçoms, umha forma de administraçom autárquica ou o contrapoder das autonomias?

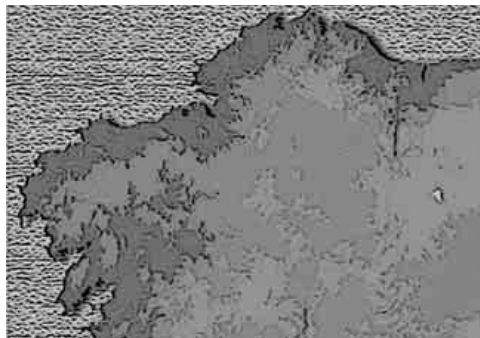
ALEXANDRE BANHOS

O NACIONALISMO SEMPRE TIVO COMO PALAVRA DE ORDEM O DESAPARECIMENTO DAS DEPUTAÇOMS. NO PRÓPRIO ESTATUTO VIGENTE, AINDA NOM DESENVOLVIDO DEPOIS DE VINTE E CINCO ANOS, PROPOM-SE ESTABELECEER UMHA ORGANIZAÇOM TERRITORIAL DIFERENTE

As mesmas reformas do liberalismo espanhol que destruíram a rede organizativa do Antigo Regime, e portanto a figura jurídica da existência do Reino da Galiza, criaram as deputaçoms como governo do Estado na província recém criada.

Estou-me a referir ao governo isabelino de 1833 em que o ministro liberal Javier de Burgos estruturou o Estado seguindo o modelo francês. As províncias constroem-se sob umha única racionalidade, a de estruturar o espaço organizativo territorial da açom do Estado. Cada província tinha o seu governador civil, que até quase o final do franquismo era quem presidia a Deputaçom provincial.

Hoje definem-se as províncias, nas leis e na constituíçom, como a soma de concelhos; porém, na realidade, foi a Deputaçom a impulsadora da constituíçom dos concelhos na Galiza, que nom foi algo racional e sim o resultado do pacto entre os líderes caciquistas locais e os interesses deles em constituir concelhos, somando os seus interesses aos do projecto do Estado. A irracionalidade dessa organizaçom territorial, a ideologia espanhola castelhanista apresentou-nos-la como estrutura básica natural, ainda que essa naturalidade se limite realmente ao território do espaço castelhana na forma em que chegou a nós.



Na Deputaçom eram designados os presidentes autárquicos e os governos municipais. Eram as deputaçoms que controlavam a política das câmaras municipais, garantindo a sua espanholizaçom e controlando que as mesmas funcionassem como o organismo que levasse o desenho uniformador a todos os cantos do Estado, e com corpos funcionariais locais chave definidos como "nacionais". Nom foi por acaso que o nacionalismo galego moderno nascia no século XIX com o nome de 'provincialismo'; nascia para enfrentar essa desfeita que o Estado espanhol fazia da estrutura naturalizada da Galiza, com a criaçom das províncias e com o nascimento dos concelhos, que era percebida por eles como o que era: elementos de horizontalizaçom uni-

formadora de "Espanha".

O Nacionalismo sempre tivo como palavra de ordem o desaparecimento das deputaçoms. No próprio Estatuto vigente ecoa no artigo 27, ainda nom desenvolvido depois de vinte e cinco anos, ao propor estabelecer umha organizaçom territorial diferente. Porém, nada disso foi tratado.

As forças espanholas no processo constituinte teimaram em manter conscientemente a estrutura provincial, e portanto das deputaçoms, que fõrom rigidamente estabelecidas, pois só mediante lei orgânica - estatal - podem ser modificadas, com a única excepçom das comunidades autónomas uniprovinciais, nas quais as deputaçoms som fundidas com a estrutura da nova administraçom autonómica.

A autonomia local que é tal conchello a conchello e nom colectiva, foi usada polo espanholismo como elemento fulcral, tentando paralisar reformas e avanços de todo o tipo das comunidades autónomas, sobretudo se escondiam um projecto nacional. Nom é por acaso que o espanholismo se apresenta como o garante público da presumida autonomia das autarquias (entidades locais), que sempre se fai funcionar como elemento chave uniformador espanhol.

A autonomia catalá foi a única que no seu momento tentou suprimir as deputaçoms na sua lei de regime local, convertendo para isso a Catalunha numha província única organizada em comarcas. Isso nom tivo sucesso no Parlamento espanhol. Pensai que a lei estatal que isso autorizasse seria muito simples, de um só artigo - que separasse a organizaçom do Estado (e eleitoral neste momento) do âmbito dos territórios das províncias, e que autorizasse as comunidades autónomas a modificarem nos seus parlamentos o âmbito das deputaçoms, quer dizer, das actuais províncias. Mas o espanholismo está todo unido na defesa de algo que som conscientes que funciona em prol do Estado.

Na Catalunha, via diversas leis, tentou-se regular certas normas. Por exemplo, os planos de obras e serviços fõrom regulados por umha lei, marcando-se nela uns critérios, sobre algo que

na Galiza é totalmente discricional e que serve para que o caciquismo e as redes clientelares funcionem perfeitamente engraxadas. Pensai que as deputaçoms podem significar, para as câmaras municipais pequenas, 80 per cento do seu orçamento.

O nacionalismo galego governante, manifesta-se contra as deputaçoms, mas de facto nom existe um processo real, desenhado no debate do Estatuto, de supressom das mesmas, nem nos acordos BNG-PSOE, nem na proposta estatutária do BNG, na qual nom existe desenvolvida realmente a criaçom de alternativas possíveis a elas, para além de meras declaraçoms de intençoms. E foi este governo onde a parte do PSOE impujo um presumível pacto local, na prática um condicionante de como ia ser o Estatuto.

Na proposta estatutária que elaborara o Fórum Carvalho Calero, estes aspectos foram tratados com muito detalhe e devidamente desenvolvidos, mas essa proposta nom está na agenda do Parlamento galego.

Nom é a existência das deputaçoms um tema menor quanto às possibilidades de futuro deste país, autocrizado e autonomamente, e nom vai ser nenhuma soluçom de futuro um pacto, que ameça ser unânime, num Estatuto em baixa que paira sobre todos e todas nós.

Murguía, Revista Galega de Historia achégase ao seu terceiro aniversario.

Gracias a centos de subscritores e lectoras Murguía vai descubrindo a Historia de Galiza, divulgándoa e poñéndoa en valor.

No último número aprésentase a Galiza na II República, así como a represión franquista no noso país, cos casos paradigmáticos da Illa de San Simón e a Volta dos Nove.

Colabora con recuperación da memoria histórica do noso país

Subscríbete!

Nome _____ Apellidos _____
Endrezo _____
Localidade _____ CP _____ Teléfono _____
Solista Subscritora Mas informacion _____

Enviar a Asociación Galega de Historiadores/as Avenida de Carreos 250 0. 912 Compostela
de secretaria@revistamurgula.com Teléfono 913.35.32.0

www.revistamurgula.com

PROJECTO GLOBAL

projectoglobal.com



A FUNDO

Deputações provinciais, para quê?

A REFORMA DO ESTATUTO CHAMA DE NOVO A ATENÇÃO PARA O PAPEL DO ENQUADRAMENTO DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL E COMARCAL

"Os serviços delegados do Estado e os conferidos às Deputações provinciais de hoje devem depender da Junta da Galiza, por meio de delegações comarcais. [...] A transformação do Regime Local da Galiza, oferecerá vantagens indubitáveis. [...] Deste modo,

os serviços estariam atendidos por pessoal competente e controlado. E assim o caciquismo nom teria razão de existir, porque ficaria sem as suas melhores armas: a nomeação de pessoal e a distribuição de utilidades".

ALONSO VIDAL / O trecho anterior poderia muito bem ser tirado das conclusões de umas Jornadas sobre Administração Local ou de um debate televisado sobre a actualidade dos casos de corrupção na Deputação de Lugo. Mas a triste realidade é que foi escrito há noventa anos por Castela. Infelizmente, ainda mantém plena vigência e de muito pouco da capacidade das instituições galegas para se adaptarem às necessidades do País. Vinte e cinco anos de 'Autonomia' nom servírom para abordar com decisão e eficácia a reforma da organização territorial da Galiza. O reconhecimento legal das paróquias ou a supressão das Deputações provinciais, herdeiras de arbitrárias e irracionais divisões oitocentistas que consolidaram fora dos limites administrativos concelhos e lugares da Galiza oriental, som ainda questões pendentes. A sua definitiva abordagem vê-se dificultada pola rede de interesses políticos e económicos assentes durante décadas e alimentados principalmente polo governo de Fraga. A tam traída reforma do Estatuto chama de novo a atenção mediática para o papel que o novo enquadramento estatutário reservará à Administração local e comarcial.

A história de umha degeneração

A chamada Constituição de Cádiz (1812) recolhia no seu artigo 325 que "em cada província haverá umha Deputação, chamada provincial, para promover a sua prosperidade..." O território espanhol dividia-se em 31 províncias. Em 1834 Javier de Burgos estabelece a conhecida divisão provincial de Espanha num esquema com 52 províncias que persiste, praticamente, até a actualidade. A Lei Provincial de 1882 estabeleceu, além das competências exclusivas das Deputações, a superioridade hierárquica da Deputação sobre os suas câmaras municipais, podendo revisar os seus acordos.

A II República espanhola quijó implantar o modelo de Estado integral, no qual as Deputações deveriam jogar um papel importante nas iniciativas para a consti-



Neste momento o protagonismo corresponde à Deputação de Lugo, afectada polo chamado 'caso Muralha', umha trama que pode levar operativa mais de 15 anos. Baltar, reagiu imediatamente solicitando medidas para prever a corrupção

tução das regiões (precedente das actuais Comunidades autónomas). Cada província tinha a possibilidade de se associar com outras limítrofes com que tivesse características comuns e constituir umha região autónoma; também podia optar por "ficar directamente vinculada ao Governo central".

No Franquismo, as Deputações fôrom reformadas e submetidas a um forte controlo político. Assim apareceria em 1945 a Lei de Bases de Regime Local que contemplava, por exemplo, que o governador civil era presidente nato da Deputação.

Finalmente, umha nova constituição espanhola, a de 1978, recolhia e reconhecía o papel dos organismos provinciais, perpetuando a sua existência e blindando-as frente a qualquer tentativa de supressão. Nesse sentido se tem pronunciado o Tribunal Constitucional em sentença 32/1981, afirmando que "os processos de mudança que a própria Constituição impom ou possibilita (...) nom podem levar, a menos que a Constituição seja modificada, a umha desapareção da Província como entidade dotada

Ninguém pom em dúvida o perfil marcadamente clientelista em que as deputações se convertêrom depois de quarenta anos de franquismo e quinze de fraguismo abafante. Fraudes, nepotismo, utilização dos investimentos com fins eleitorais: verdadeiros ninhos de caciquismo que já os galeguistas de Castela denunciaram e que se mantêm com intensidade

de autonomia para a gestom dos seus próprios interesses... O legislador pode diminuir ou acrescentar as competências hoje existentes, mas nom eliminá-las por inteiro". Assim, a instituição provincial persistirá enquanto se mantenha vigente a actual Constituição espanhola.

Para além do contributo dos organismos provinciais à coordenação e distribuição de recursos nessa primeira época de "constitucionalismo espanhol" oitocentista, hoje ninguém pom em dúvida o perfil marcadamente clientelista e caciquista em que se convertêrom depois de quarenta anos de franquismo e quinze de fraguismo abafante. Clientelismo, fraudes, nepotismo, utilização dos investimentos com fins eleitorais: verdadeiros ninhos de caciquismo que já os galeguistas de Castela denunciaram e que se mantêm com toda a intensidade nos nossos dias.

O futuro incerto

O leque de opiniões dos diferentes grupos políticos da Galiza perante umha eventual reforma dos organismos provinciais varia

desde a opção de supressão total das instituições defendida polos independentistas de NOS-UP e FPG, até a conservação e promoção das suas actuais funções que defende o PP.

O BNG defende na sua proposta de Estatuto a supressão das Deputações. Para o Bloco, a Galiza deve organizar-se territorialmente em concelhos e comarcas com personalidade jurídica própria, se bem que admitam a hipótese da criação de "outras agrupações de concelhos e comarcas com a finalidade de garantir umha satisfatória prestação de serviços". Por sua vez, o PSOE, através da proposta de reforma estatutária da sua Fundação Iniciativas 21 é muito mais ambíguo ainda, limitando-se a recolher a necessidade de evitar a imbricação de administrações territoriais e a possibilidade de articular a organização territorial com base em "novas estruturas supramunicipais criadas polo Parlamento da Galiza". O actual presidente da Deputação da Corunha, Fernandez Moreda (PSOE), defendeu abertamente numha comparecência no Parlamento galego sobre o novo Estatuto a continuidade dos organismos provinciais.

Mas esta suposta divergência dos os grupos políticos sustentadores do actual governo galego mantêm sobre a questão - e que poderiam augurar momentos de tensão na elaboração do novo Estatuto, nom impede que ambos os partidos pactuem, por exemplo, o acesso ao governo provincial na Corunha para desenvolver um programa que mantém em essência a mesma política que as outras deputações galegas nas mãos da direita; ou que um dos máximos responsáveis polo projecto de Estatuto do BNG, González Marínhas, louve o papel jogado pelas Deputações no âmbito local, "como peça chave e inseparável" do constitucionalismo espanhol. Aventurar umha futura negociação política PSOE-BNG sobre a "conveniência de manter os organismos provinciais, atendendo ao pragmatismo da blindagem constitucional" nom estaria para muitos observadores e observadoras fora da realidade.



As obras de Monte Ferro fôrom adjudicadas a 'Construcciones Taboada y Ramos S.L.' por 297.604 €. O financiamento depende da Deputaçom e da Câmara Municipal



Rafael Louzán está vinculado mediante terceiras pessoas a várias empresas construtoras imobiliárias, florestais, agrícolas e vinícolas. Na imagem, o presidente da Deputaçom de Ponte Vedra abraça Núñez Feijoo

Interesses criados favorecem 'statu quo'

Que o Partido popular esteja interessado em manter a actual situaçom é comprensível. A obscura rede clientelar tecida durante décadas, conhecida por toda a sociedade, é umha fonte de sucessos electorais de resultados evidentes. Ainda que às vezes esteja na berlinda judicial ou mediática por escândalos de fraudes e subornos ligados às instituicoes que presidem.

Neste momento o protagonismo corresponde à Deputaçom de Lugo, afectada polo chamado 'caso Muralha'. Umha trama de corrupçom que pode levar operativa mais de 15 anos, e onde parecem verificadas, e mesmo reconhecidas por alguns detidos, pagamentos de comissoes ilegais a funcionários da Deputaçom lucense para que determinadas empresas recebessem adjudicaçoes de obras. A empresa favorecida por estes, 'Senen Prieto Ingenieria', realizou para a Deputaçom mais de 2.000 projectos.

Entre os detidos por prevaricaçom, malversaçom de fundos públicos e tráfico de influencias, figura nada menos que o chefe do Serviço de Vias e Obras da Deputaçom, Alberto Fernández Pereira, o ante-

rior engenheiro-chefe desse mesmo departamento, José Manuel Romay López, e o delinea-dor da Deputaçom, José António Lázare. Relacionados com as empresas favorecidas nos contratos, também fôrom detidos o engenheiro José Enrique Cacicedo, da consultoria 'Senen Prieto', e Amadeo García Díaz, administrador de 'Setramur', outra das empresas supostamente favorecidas, dedicada ao abastecimento de sinais de trânsito e mobiliário urbano. Fôrom detidas também as esposas do chefe de Serviços e Obras da Deputaçom, Angeles Prieto, e do engenheiro-chefe, Vitória Díaz, suspeitamente máximas accionistas da consultoria implicada. Ainda, existe ordem de detençom contra o engenheiro Luís María Álvarez Prieto, igualmente vinculado à concidua e que trabalhou para a Câmara Municipal de Lugo. Parece ser que o Senhor Cacharro Pardo "nom sabia nada" desta trama de corrupçom apesar de levarem a sua assinatura os contratos que adjudicavam 80% das obras da Deputaçom que ele presidia a umha única empresa.

Um ex-vereador de Urbanismo mediador nas fraudes

Na Deputaçom da Corunha nom podemos esquecer, infelizmente, o seu ex-presidente, o inefável Torres Colomer, presidente da Câmara de Ribeira, de ingrato recorde durante a crise do Prestige. O seu actual responsável, o socialista Salvador Fernández Moreda, que governa coligado com o

BNG, foi denunciado há uns meses por oitenta e dous vizinhos e vizinhas da Corunha como implicado pessoalmente numha fraude urbanística relacionada com a compra de terrenos para o recinto feiral. A trama implicaria um grupo de promotores e advogados, além de um arquitecto municipal.

Escândalos urbanísticos em Nigrám

Por sua vez, a Deputaçom Provincial de Ponte Vedra, na pessoa do seu presidente Rafael Louzán, também figura entre as entidades implicadas em presumíveis casos de corrupçom urbanística, ligados ultimamente à iniciativa de carácter especulativo na península de Monte Ferro -projecto travado por enquanto devido à pressom popular. As obras para a urbanizaçom selvagem de um bosque de 85 hectares na paróquia de Panxom, em Nigrám, seriam realizadas pola Deputaçom e adjudicadas, numha sessom da Junta de Governo celebrada a 23 de Setembro de 2005, a 'Construcciones Taboada y Ramos S.L.' polo montante de 297.604 €. O financiamento dependeria da Deputaçom e da Câmara Municipal de Nigrám, conjuntamente. Contemplam o derrube indiscriminado de árvores para a ampliaçom de vias e rotundas no acesso ao cume do Monte, o último sem urbanizar que fica junto do mar na área metropolitana de Vigo.

O presidente provincial, Rafael Louzán, íntimo amigo de Rajoy, começara a caminhada política como subalterno na Câmara

Rafael Louzán também figura entre as entidades implicadas em presumíveis casos de corrupçom urbanística, ligados ultimamente à iniciativa de carácter especulativo na península de Monte Ferro -projecto travado por enquanto devido à pressom popular. As obras contemplam a ampliaçom de vias e rotundas no último sem urbanizar que fica junto do mar na área de Vigo

Municipal de Riba d'Úmia, na altura em que o contrabandista José Ramón Barral "Nené", era presidente. Posteriormente, no ano 2001, sendo Louzán presidente da Deputaçom, o PSOE chegou a solicitar formalmente a sua compa-recência para explicar os seus vínculos mercantis com a sociedade 'Limvial S.L.', administrada polo irmao de 'Nené', que na altura era presidente do PP de Riba d'Úmia. Como recolheu o Novas da Galiza no seu momento, Louzán está vinculado mediante terceiras pessoas a várias empresas construtoras imobiliárias, florestais, agrícolas e vinícolas - ele próprio é agora um grande proprietário de vinhas galegas - que nos últimos anos aumentáram o seu valor em vendas ao amparo dos subsídios e concessões de obras por parte da Deputaçom que ele preside.

Mas Louzán nom esquece os seus chegados: o seu motorista oficial é fundador da empresa 'Pavimentos Meaño', com contratos com a Deputaçom para obras de manutençom nas estradas provinciais; a secretária pessoal está vinculada familiarmente a 'Construcciones Sisán', que também é adjudicatária de numerosas obras da Deputaçom.

A herança genética em Ourense

O responsável pola rede caciquista provincial de Ourense, Baltar, reagiu imediatamente perante o caso Muralha, solicitando a adopçom de medidas legislativas para prever a corrupçom nas administraçoes públicas em temas como contrataçoes de obras e serviços,

incluindo os processos de concursos à Administraçom e de contrataçom de pessoal. A proposta soaria mais séria se nom vinhesse da pessoa que protagonizou o maior escândalo de corrupçom ao presidir o júri das opoicoes da Deputaçom de Ourense de

1998: aquelas que devêrom repetir-se por ordem judicial ao terem aprovado e obtido vagas vários filhos de altos cargos do PP. O próprio Fraga justificava estes anómalos resultados pola "predisposiçom genética" destes distintos opositores.



ANÁLISE

POR XABIER LAGO MESTRE, PRESIDENTE DE FALA CEIVE

O movimento galeguista no Berzo

Na década de 80 do passado século XX houvo vários colectivos que tomáron consciéncia da necesidade de se proteger a língua galega do Berzo. Salientamos neste sentido o traballo pedagógico de un grupo de mestres da colégio público de Corulhom. Eles tiráron a revista bilingüe 'A Curuxa' (1983-1995), un fito dentro das publicacións que mostran textos em galego. Na próxima Vila Franca do Berzo surge a asociación Escola de Gaitas

(1989) em defesa da língua galega. Este grupo organizou sucessivas Jornadas da Cultura e da Língua Galegas no Berzo ao longo da década de 90, que servíron para apresentar diversos relatórios sobre a nossa cultura galego-berciana, as quais tenhem continuação agora com as que apresenta a Comisión Martín Sarmiento em Vila Franca (2005 e 2006), ademais de consolidar a tradiçom local dos Maios.

XABIER LAGO / Mas há que voltar ao começo da década de 90 para fazer mençom à criaçom da Mesa pola Defensa do Galego no Berzo (1990), formada basicamente por pessoas dos grupos nomeados. Na constituicòm desta Mesa tivo especial importancia a realizaçom dos Congressos da Língua e Cultura Galegas nas Astúrias, Leom e Samora (Cela Nova, 1989 e Vila Franca, 1990), que contáron com o apoio de sectores académicos e intelectuais da Galiza, e dos quais saíron os correspondentes Manifestos, verdadeiras bases ideológicas das comunidades galeguistas estremeiras.

Por mor destas organizaçoms, o eixo Corulhom-Vila Franca comandou durante anos a reivindicaçom galeguista no Berzo, mas nom podemos esquecer que outras também trabalham de um jeito mais silandeiro a nível cultural. Referimono nos a Carozos de Val-Boa, Vagalume de Vila de Paus, Seraos de Teixeira e demais de carácter local. Todas elas estão localizadas no Berzo Ocidental, na zona claramente galego-falante (um total de 18 concelhos), com multidom de aldeias espalhadas polos seus diversos vales e montanhas, que sofre os efeitos da despovoaçom, a emigraçom, a baixa natalidade, a crise agropecuária, etc. A esses concelhos acrescentamos ainda outros 7 lindeiros, parcialmente galeguizados, onde salientamos o de Ponferrada, o que eleva o número de falantes até os 35.000.

Em finais da década de 90 cremos que se produz unha nova etapa reivindicativa no Berzo. Esta tem lugar em Ponferrada (66.000 habitantes), a capital regional que concentra cada ano mais populaçom, muita



Inscriçoms reivindicando a galegitude numha estrada do Berzo

dela originária das comarcas galego-falantes: Ancares, Val Cárcere, Cabreira ou Val d'Eorras... Eis como, devagarinho, os descendentes urbanos dos galego-falantes imigrantes vam tomando consciéncia sobre a sua língua própria. Um caso peculiar neste sentido é o da asociación Fala Ceive (www.falaceibe.tk), que nasceu em 1998 como reacçom auto-defensiva perante a negativa da Direcçom Provincial de Educaçom de Leom a leccionar aulas de galego na escola secundária "Álvaro de Mendaña" da cidade. Este colectivo deu um novo empurrom ao galeguismo, mediante a organizaçom de diversas actividades culturais (Dia das Letras Galegas), aulas de galego, prémios escolares, doaçoms de livros galegos, revistas e páginas web, campanhas sobre o galego nos centros escolares, nas administraçoms locais, na toponímia, no comércio, nos partidos políticos e demais. Nom se pode negar que esta reacçom reclamadora contou com as facilidades que dá desenvolver o activismo no centro urbano regional (político, administrativo, mediático...), pois

tudo o que se fai em Ponferrada tem maior repercussom social sobre o resto do Berzo.

A comentada centralidade de Ponferrada favorece o dinamismo cultural em todos os níveis. O Instituto de Estudos Bercianos interessa-se pola cultura galego-berciana quando elabora o Atlas Lingüístico, edita cartulários ou organiza jornadas sobre a língua galega (1996). Recentemente apareceu outra asociación cultural, Xarmenta (2005), que visa também a promoçom da língua galega no Berzo. Mas seria injusto esquecermos a presença de outros grupos que trabalham pola dignificaçom da cultura galego-berciana. Incluímos entre eles tanto as numerosas bandas de gaitas (Ponte, Toural de Meraio, Campo Naraia, Ponferrada, Toural dos Vaus, Faveiro, Fontes Novas...) como aos grupos de música étnica: Aira da Pedra, Abraxas, Rapabestas e outros.

Entre todos estes colectivos fazemos um grande esforço por atrair mais a mocidade para a cultura galego-berciana. Neste senti-

do dos centros escolares do Berzo, que dam aulas voluntárias na nossa língua, cumprem um importante papel na socializaçom em galego do seu alunado. O prestígio que as escolas dam ao galego transmite-se às famílias, vizinhança e demais. Assim recuperamos parcialmente a comunicaçom intergeracional em galego, agora os descendentes dignificam o idioma minorizado dos seus progenitores. O uso das novas tecnologias da informaçom é também fulcral no processo de galeguizaçom da mocidade ao identificarmos este idioma com a modernidade, ao mesmo tempo que som rejeitados os velhos preconceitos lingüísticos (ruralidade, passado, inutilidade, etc.).

O repto mais importante para o movimento galeguista está na sua capacidade de assimilaçom do bercianismo social. Lembremos que a cidadania desta region estremeira tem unha forte consciéncia identitária que tenta diferenciar-se das vizinhas. Recuperar o nosso passado galego-berciano (relaçoms históricas, culturais, económicas...) é fundamental para estreitarmos os vínculos com a Galiza. Cumpre dizer que o futuro da cultura galega do Berzo dependerá da ajuda, pública e privada, que venha da Comunidade Autónoma da Galiza. A actual reclamaçom legal de direitos políticos e lingüísticos para a minoria etnocultural galego-berciana, perante as instituicòm de Castela e Leom e do Estado, nom é unha tarefa que corresponda só aos protagonistas directos, exige também um compromisso solidário do resto das comunidades galegas do noroeste peninsular.

Fala Ceive quer que Parlamento da Galiza apoie galego oriental

NGZ / A Asociación Cultural Fala Ceive do Berzo difundiu um pedido que dirigiu aos três partidos parlamentares da CAG para aprovarem no Parlamento galego umha resoluçom em prol da declaraçom de oficialidade da língua galega no Estatuto (em processo de reforma) da Comunidade Autónoma de Castela e Leom.

O colectivo normalizador lembra que a Lei galega 3/1983 de 15 de Junho reconhece no artigo 21 a importancia de "proteger a língua galega falada nos territórios limítrofes" da CAG, sendo "o actual processo de reforma do Estatuto de Autonomia de Castela e Leom umha ajuda conjunta política para que o Parlamento Galego manifeste o seu inequívoco apoio à proteçom do galego periférico do Berzo e das Portelas. Nom há melhor forma de proteger o idioma próprio destes dous territórios que através da declaraçom de oficialidade do galego no próprio Estatuto de Autonomia de Castela e Leom".

www.novasgz.com | assinantes@novasgz.com | Telefone: 699 268 032

NOVAS DA GALIZA

Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a
NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela

Subscriçom + livro = 25 € 1 Ano, 12 números = 20 € Assinante Colaborador/a = ___ €

Nome e Apellidos Telefone

Endereço C.P.

Localidade E-mail

N° Conta

Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura



REPORTAGEM

Encontros e desencontros: a emigração galega no Principado catalán

No passado dia 11 de Junho concluírom, no recinto do Fórum de Barcelona, os três dias do segundo Gran Encontro (sic) de Gallegos del Mundo, que, como na passada edição, foi alcançado pola polémica. Sectores da comunidade galega no Principado criticárom o facto de um evento destas características ser financiado com dinheiro público e com umha absoluta falta de transparência. Tem-se a certeza de que as instituições autonómicas catalás e galegas contribuírom economicamente, mas desconhece-se o montante.

Fontes consultadas afirmam que o primeiro 'encontro' significou por volta de 962.000 euros em despesas directas, distribuídas entre a Generalitat, a Junta e as Deputaçõs de Barcelona, Lugo e Ourense. A esta quantia devem acrescentar-se as despesas indirectas polo acondicionamento do recinto, dificilmente calculáveis, que recaírom na Câmara Municipal de Barcelona. No presente ano, apenas sabemos que o montante iguala ou supera a primeira edição mas que, em nenhum caso, fica por baixo.

ÁNGELO PINEDA MARINHO / O primeiro encontro repetiu o padrom do ano passado: umha feira comercial impulsionada pola AEGACA (Associação de Empresários Galegos da Catalunha e Andorra), e mais concretamente, polo empresário buronês Julio Fernández, que além de presidir a associação, dirige a produtora catalá Filmax. O primeiro encontro, organizado com a AEGAMA (equivalente madrilenha da AEGACA), foi disposto ao redor de três motivos: o lançamento da Filmax Music, o investimento na urbanização de Teio 'Vale da Ramalhosa', e a criação de umha associação de empresários galegos a nível internacional. Para viabilizar o financiamento público, a ultraconservadora Fegalcat (Federação de Entidades Galegas da Catalunha) ocupou-se do programa 'cultural', se pudermos empregar tal termo para definir a actividade que desenvolvem as suas agrupaçõs folclóricas.



Julio Fernandez, em representação de Fraga Iribarne, recebeu do actual vice-presidente Anxo Quintana, o prémio por contribuir para a 'extensom da galeguedade no mundo', concedido pola Associação de Empresários Galegos da Catalunha e Andorra

Continuidade controversa
Por sorte para a AEGACA, a política do bipartido em matéria de emigração é, em tudo, continuísta em relação à precedente. Tourniño primeiro (21-2-06), seguido de Anxo Quintana (27-3-06) e o conselheiro da Economia Jose Ramón Fernández (24-4-06) assegurárom o apoio, nom só ao segundo 'encontro', como também ao eixo em que assentárom as jornadas deste ano: o nascimento da AGEM (Aliança Galega de Empreendedores do Mundo). Mais umha vez, as necessidades publicitárias da Filmax Music e o repertório de lugares comuns da Fegalcat, completárom um programa totalmente insensível à realidade social e lingüística da Galiza e da Catalunha, apenas matizada pola participação da RAG numha palestra. Um programa que nom tinha mais função que justificar as verbas orçamentárias públicas e esconder as verdadeiras motivaçõs do 'encontro' atrás de umha cortina de exaltaçom da 'galeguedade'; seja o que for o que a AEGACA, a Fegalcat, Caixa Nova e Caixa Galicia entendam por isso.

Entre as homenagens que se sucedérom na 'Grande Gala' do dia 10, destacou o galardom concedido a Manuel Fraga. Julio Fernandez, em representação do ex-presidente da Junta, recebeu do actual vice-presi-

A oposiçom partiu do Espaço Galego nos Países Cataláns, que organizou grupos informativos e redigiu umha dura carta aos méios

dente autonómico Anxo Quintana, o prémio por ter contribuído para a 'extensom da galeguedade no mundo', o que sem qualquer dúvida é justo, já que, segundo um informe da CIG (17-3-05), durante o seu mandato abandonárom o País mais de 175.000 galegos.

Face à adesom incondicional dos três partidos que conformam o arco parlamentar na Galiza, a oposiçom correspondeu, mais um ano, ao EGPC, que organizou grupos informativos destinados aos assistentes e redigiu umha dura carta aos méios de comunicação criticando o apoio económico das instituições a umha visom da Galiza "folclorista e essencialista" que só visa "a promoçom empresarial descarada de alguns dos seus participantes". Além disso, denunciárom os organizadores por tentarem "confundir galeguedade

com empresariado galego". O grupo teatral galaico-catalán Furafolhas também tentou levar a crítica ao interior do recinto com a sua obra Encontros Mágicos. Mas, finalmente, esta sátira alusiva aos organizadores do encontro e à política autonómica em matéria de emigração tivo de ser representada noutros fóruns da cidade, como a Galeria Sargadelos (14-6-06).

Polo controlo da comunidade emigrada

O EGPC, junto de organizaçõs como Furafolhas ou ERGAC (Espaços Radiofónicos Galegos da Catalunha), pertence a umha nova realidade no associacionismo de migrados na Catalunha. Realidade alheia às 'casas regionais' e até crítica com elas. Esta rede associativa, tendo recebido um forte impulso durante as mobilizaçõs maciças da plataforma Nunca Mais - Catalunha (em boa medida pola posiçom ambígua dos Centros Galegos e a aberta sabotagem da Fegalcat), vive na actualidade um momento incerto devido à concorrência entre a Secretaria Geral de Emigração e a Direcçom Geral de Criaçom e Difusom Cultural. A primeira, dirigida por Manuel Luís Rodríguez (PSOE), mantém a política de subvençõs às entidades da Fegalcat da verba orçamentária destinada à emigração, sem

Na Direcçom Geral de Criaçom e Difusom Cultural nom se questiona o modelo de financiamento, mas procura-se a conquista de posiçõs dentro da comunidade emigrada, tentando servir-se do novo associacionismo galego-catalán. A Secretaria Geral de Emigração mantém os subsídios sem controlo

que estas verifiquem o seu funcionamento democrático, sem que demonstrem a sua representatividade e sem umha devida justificaçom dos gastos. Esta verba estaria reforçada por subsídios da própria Generalitat. Desta maneira, assegura-se a lealdade de umhas entidades privadas que sempre exercérom de embaixadas do PP galego e de agentes contra a normalizaçom do catalán pola sua adesom à espanhola FCRC (Federação de Casas Regionais da Catalunha). Na Direcçom Geral de Luís Bará (BNG), nom se questiona o modelo de financiamento, mas procura-se a conquista de posiçõs dentro da comunidade emigrada, tentando servir-se do novo associacionismo galego-catalán. A reunio que mantivo com todas as associaçõs em Barcelona (22-12-05) ia destinada a reformar a Fegalcat integrando os projectos que na actualidade ficam fora dela. Da mesma maneira, a recente integraçom de Galiza Nova no Centro Galego de Barcelona parece umha concentraçom de forças para a defesa de umha candidatura, em 2007, encabeçada por Luís Lamas, actual presidente da Fegalcat e do próprio Centro, a cujo cargo chegou apoiado no sector mais conservador e mediante um processo eleitoral inçado de irregularidades.



REPORTAGEM

A língua das galescolas

CONFORME O NOVO PLANO GERAL, ATÉ 66% DAS AULAS PODERÃO SER EM ESPANHOL NAS 'GALESCOLAS' DA VICE-PRESIDÊNCIA

Um mesmo nome para dous projectos educativos. Esta é a primeira consequência de que Vice-Presidência não pudesse resistir à tentação de apropriar-se do atraente nome de um projecto que já tinha nascido nos últimos meses de 2004, impulsionado pelo Viveiro e Observatório de Galescolas (VOGAL). Um ano depois, em Novembro de 2005, representantes da VOGAL reuniam-se com Carmen Adán,

secretária geral da Igualdade, que lhes transmitia "o seu interesse" e o do próprio Anxo Quintana no projecto, ainda que esclarecendo-lhes que seria dificilmente subvencionável. Em Maio deste ano, Carmen Adán e Anxo Quintana apresentavam, dous dias depois de comunicarem à VOGAL a sua decisão, um novo projecto de 'galescolas' cujo conteúdo já pouco tinha a ver com o original.

EDUARDO MARAGOTO / Na apresentação, o vice-presidente e a secretária geral da Igualdade apareceram ao pé de um colorido cartaz em que, sobre o nome de 'galescola', se podia observar umha casinha de traçado infantil de cujo lateral saía o mastro de umha bandeira galega. Lembrava as velhas campanhas em prol das 'ikastolas' básicas e a silabação de ambas as palavras não ajudava a discernir. Porém, o conteúdo afastava muito o novo projecto da Junta do famoso modelo de ensino 'euskaldun', que sim está em grande parte reflectido no projecto de 'galescolas' impulsionado pela VOGAL (Veja-se NGZ nº 30). Tratava-se então, nomeadamente em relação à língua, de umha nova campanha de Vice-Presidência para, avançando-se à escassa iniciativa de Marisol López, secretária geral de Política Lingüística, aparecer perante a base nacionalista como valedora da política normalizadora no novo governo. Só que, como já tinha acontecido com alguma outra campanha que actualmente leva o rosto de Quintana, a ideia tinha nascido como iniciativa popular, diferente apesar das aparências, e esta nem foi citada na conferência de imprensa de apresentação nem tem força económica ou mediática para defender a paternidade das suas criações.

Ideias que voam

A VOGAL não demorou a reagir ao anúncio de Quintana. Num comunicado publicado aos poucos dias do mesmo, a promotora das galescolas originais manifestava que "se considera gravemente prejudicada pelo aproveitamento ilegítimo do nome por parte da Junta", anunciando o início de "ações administrativas e judiciais para defender os seus direitos como legítima proprietária" da denominação da iniciativa. Mas a confusão já se tinha instalado nos noticiadores das 'galescolas', e numha nota publicada no jornal electrónico Vieiros em relação ao comunicado da VOGAL afirmava-se que no blogue desta promotora se defendia que a iniciativa da Vice-Presidência da Igualdade e do



Há quem pense também que a manifestação organizada pela Mesa pola Normalização Lingüística (MNL) este ano, tem um correlato evidente com as tentativas do reintegracionismo em anos anteriores

Bem-Estar da Junta da Galiza "tinha nascido em Novembro de 2004, no seio do tecido associativo reintegracionista". Eva Yusty, presidenta da associação VOGAL esclareceu logo num seguinte comunicado: "Isso não é o que nós afirmamos, já que a iniciativa impulsionada pela Vice-Presidência não é a mesma que a promovida pela VOGAL. Som duas propostas diferentes em vários pontos fundamentais". Entre eles, a VOGAL dá prioridade às relações com a Lusofonia e estabelece como língua veicular o galego, enquanto nas galescolas da Junta a língua do País poderia ser limitada a um terço do horário lectivo.

Em qualquer caso, a polémica descobre umha realidade cada vez mais pronunciada: o reintegracionismo lingüístico e cultural está-se a converter num excelente produtor de ideias e dinâmicas, mas poucas vezes chegam ao conjunto da sociedade canalizadas através do seu tecido associativo. Poucos meses antes das galescolas, a mesma Vice-Presidência punha em andamento umha campanha dirigida à gente nova claramente inspirada noutra de um colectivo ludo-reintegracionista que usava a

AVOGAL não demorou a reagir ao anúncio de Quintana. Num comunicado a promotora das galescolas originais manifestava que "se considera gravemente prejudicada pelo aproveitamento ilegítimo do nome por parte da Junta", anunciando o início de "ações administrativas e judiciais para defender os seus direitos como legítima proprietária" da denominação da iniciativa

imagem de Matrix. Há quem pense também que a manifestação finalmente pouco concorrida organizada pela Mesa pola Normalização Lingüística (MNL) este ano em Compostela, tem um correlato evidente com as tentativas mobilizadoras do reintegracionismo em anos anteriores, menos concorridas ainda. Em todas estas iniciativas, o reintegracionismo não é lembrado nem tem capacidade para aparecer contido nelas, sequer visibilizando-se. O caso mais claro foi o do aparecimento de Tourinho a falar um questionado galego no Parlamento europeu. Provavelmente a festa não se volte a repetir, pelo menos através dos trâmites que pretende Moratinos, mas o reintegracionismo não tem capacidade para explicar de modo maciço que já antes se tinha falado galego na Europa, porque o reintegracionismo o tinha levado lá.

Em contrapartida, há algo que parece evidente com só dar umha vista de olhos à informação que a nossa língua gerou desde que o bipartido chegou a Sam Caetano; umha parte importante das notícias que fazem referência a qualquer avanço ou iniciativa em positivo

relacionada com o galego têm a ver quer com as relações galaico-lusófonas quer com iniciativas do próprio movimento reintegracionista, parecendo reservada a outros organismos a 'gestão do lamento', e muito terá a ver com isto que o lusismo conta com umha base de activistas muito dinâmica, que no entanto não encontra na chave da socialização.

Confusom

O anúncio de Adán e Quintana abriu um longo debate nalguns fóruns da Internet. No que se seguia à publicação da notícia no jornal compostelano El Correo Gallego, pessoas contrárias à normalização lingüística mostravam a sua preocupação pela transferência de modelos de ensino como o basco e o catalão para a Galiza. Demonstravam não conhecerem bem nem estes modelos nem o próprio Plano Geral de Normalização Lingüística, que limita a aplicação destes sistemas com língua veicular própria, chegando a rejeitá-los expressamente.

Num momento dado, espanhol-falantes e galego-falantes começam a trocar mensagens nas que dizem não serem as suas línguas maternas. Uns e outros se gabam de conseguirem expressar-se "perfeitamente" na língua em que não se comunicam habitualmente, mas há umha diferença entre umhas mensagens e outras que ninguém parece detectar: nenhuma das escritas em galego está redigida com correção e os erros ortográficos e gramaticais abarrotam-se às vezes numha mesma linha. Os e as internautas que de repente escrevem em espanhol (excepcionalmente, isso sim) conseguem fazê-lo, no entanto, num castelhano correctíssimo: é talvez a consequência mais palpável de quase 30 anos sem ensino veicular em galego.

Por outro lado, o cerne da discussão dizia respeito ao valor da 'internacionalização' na aprendizagem de línguas, e os defensores das 'galescolas' de Quintana retorquiam aos detractores da nossa língua que, com o galego, como com o espanhol e o inglês, também era



O critério para o galego poder obter o status de língua veicular será a vontade dos pais e maes e o facto de se encontrar numha zona galego-falante

possível a comunhão nos cinco continentes.

Assim visto (o debate que gerou e a encenação da apresentação de Quintana), quem diria que o projecto inicial das galescolas nom foi institucionalizado? Para a VOGAL este é o principal problema. Polas palabras da presidenta, Eva Yusty, em declaraçõs ao Portal Galego da Língua (PGL): "A apropiación do nome 'galescola' por parte da Junta causou confusom entre o público. Já nom se sabe qual o projecto de que se está a falar, o da Junta ou o da VOGAL [...] É obvio que umha iniciativa em que muitas escolas nom vam funcionar em galego, e que nom vai ter a menor relación com a Lusofonia, nom é a iniciativa que nasceu no reintegracionismo".

As galescolas da VOGAL e as da Junta
Para Eva Yusty, os seus filhos, ainda em idade pré-escolar, no ano 2006 nom terám garantido o ensino na nosssa língua: "As escolas da Junta podem ter até dous terços das horas lectivas em espanhol. Por outra parte só constituem 23% das vagas oferecidas em infantários, isto é, 77% das crianças nom poderám acceder a essas escolas. Se a isto somarmos que os critérios de

Trata-se de umha nova campanha de Vice-Presidência para, avançando-se à escassa iniciativa de Marisol López, aparecer perante a base nacionalista como valedora da política normalizadora

admissom das crianças nom tenham em conta a língua, vemos que o único que vam fazer é aumentar a rede de infantários públicos existentes. É um projecto praticamente sem incidência no âmbito lingüístico." Eva Yusty explica também que pola contratação do professorado se responsabilizará a FEGAMP (Federaçom Galega de Municipios e Províncias) e que a Junta nem sequer terá capacidade inspectora. Por isso, a VOGAL nom tem dúvida de que o projecto deve continuar: já solicitárom umha



Para as zonas hispanófonas (os núcleos urbanos, que tenham mais procura) o PNL fixa só 30% do horário em galego. A Mesa reagiu lamentando "a corrida de obstáculos colocados pola Administración" para galeguizar as aulas

entrevista com o Vice-Presidente e vam apresentar alegaçõs no Escritório Espanhol de Patentes e Marcas para reclamar os direitos sobre o nome.

Na Associação destacam ainda mais duas características que dividem ambas as iniciativas: A VOGAL tem umha gestom cooperativa e as galescolas da Junta seriam geridas pola FEGAMP. As galescolas originárias destinariámsse, portanto, a quem quisesse educar os filhos e as filhas em galego e as da Vice-Presidência estám destinadas a familiares com poucos ingresos, independentemente da língua de opçom.

Em galego? Depende da zona

Como publicamos no número anterior, as galescolas da Junta implicarám o aumento das vagas de infantário em 5.490, distribuídas por 99 centros da CAG dirigidos a crianças entre 0 e 3 anos. O significativo aumento estaria, porém, longe de aliviar a situação da rede pública de jardins de infância na Galiza, que ainda estaria muito distante das percentagens que recomenda a União Europeia para os infantários públicos.

Quanto à normalizaçom lingüística, o critério para o galego poder obter o status de língua veicular será a vontade dos pais e maes e o facto de se encontrar numha zona galego-falante (isto é, rural, e nem todas), porque para as zonas his-

A VOGAL dá prioridade às relaçõs com a Lusofonia e estabelece como língua veicular o galego, enquanto nas galescolas da Junta a língua do País poderia ocupar um terço do horário

panófonas (os núcleos urbanos, que tenham mais procura) o PNL fixa só 30% do horário em galego.

Bipartido e ensino em galego: "excepcionalidade extrema"

Por outro lado, como no caso dos infantários, a Junta parece estar a jogar apenas a carta da autopublicitaçom para o segundo ciclo do ensino infantil (3-6 anos). Assim, se num princípio se gerou certa euforia polo anúncio da aplicaçom do sistema galeguizado nalguns centros escolares deste nível, já fõrom dados a conhecer alguns dos requisitos para ser possível a sua implementaçom no ano académico 2006/2007. E nom som poucos: só os centros com duas ou mais unidades de infantil poderám leccionar

em galego umha delas, e ainda será preciso que se verifique "compromisso do professorado implicado", "autorizaçom dos pais, maes ou tutores", "acordo do Claustro", "aprovaçom do Conselho Escolar" e até "alunado suficiente para a constituicõem de umha turma". A MNL reagiu de imediato, lamentando "a corrida de obstáculos colocados pola Administración", que dá ao ensino do galego um carácter de "excepcionalidade extrema".

E o Plano Geral de Normalizaçom?

Porém, o organismo normalizador insiste em ser mais importante a aplicaçom do Plano Geral de Normalizaçom Lingüística (isto é, o cumprimento das percentagens que nele figuram), mas tampouco isto parece estar entre os objectivos imediatos do bipartido, e a directora geral de Ordenaçom e Inovaçom Educativa chegou a admitir que o Plano nom se começará a aplicar até o desenvolvimento da LOE, isto é, até 2010. A Mesa pola Normalizaçom Lingüística nom quer ouvir falar de prazos tam alargados e está disposta a fazer intervir o Conselho da Europa. Ainda, criticado como se está a gerir a gratuidade dos livros escolares, que implicará a permanência de manuais em espanhol durante vários anos nos centros educativos. Entretanto, Guillermo Meijón, do PSG, acusou a MNL de estar a usar a língua "como bandeira partidária".

Neste país, dar a cara sae caro

Colabora contra a repressom económica
2091 0395 21 3040001337

A Peneira
Xornal Galego de Informaçom Xeral

A Peneira
Cabeceras Comarcais
A Peneira do Condado/Paradanta
A Peneira da Lourinha

galizalivre.org
O portal da Galiza em Internet

o pichel
centro social
rua santa clara, 21
compostela

CULTURA

MARIO REGUEIRA

“Algum dia na Galiza a poesia será toda, por defeito, pós-colonial”

XA) *Leva-me ao outro lado da cidade / a onde ninguém quer ir.* É a cita de Paul Bowles que abre a primeira parte de *Tanxerina*, o livro de poemas de Mario Regueira (Ferrol, 1979) ganhador do XVIII Prémio Nacional de Poesia Xosemaría Pérez Parallé que já foi publicado por Espiral Maior e que logo estará nas livrarias. “Eu penso que tento criar umha ideia de umha viagem que começa e acaba em Goreé, mas imediatamente antes de começar e imediatamente antes de finalizar está em Tánger. *Tanxerina I* seria num lado da cidade, antes de empreender a viagem, e *Tanxerina II* seria no outro lado onde o eu lírico sofre umha série de transformações, que em parte são transformações que o tornam mais consciente... sofre umha mudança de sexo, de entrada, e também no discurso”. *Leva-me aonde ninguém quer ir para falar “das cousas que som periféricas na cultura ocidental, do Magreb, da mulher muçulmana”.*

Porque escolhes a mulher em Tánger e umha viagem que nom foi? “Porque pensei que havia muitas cousas que contar relacionadas com a realidade galega, que, ao seu jeito, também é periférica”. Há um homem que transita polos poemas com um fato azul, pergunto-lhe se é ele. “Nom creio que se poda falar de biografismo em poesia, nom de umha forma mui fiável em qualquer caso. Sim que há projecções minhas no livro, umha delas é a pessoa do fato azul, que é um mendigo, e é azul polo traje dos Tuaregues, que tenham umha das poucas sociedades muçulmanas que nom é exactamente patriarcal mas sim muito respeitosa com a mulher”. O júri do prémio destacou de



Tanxerina foi publicado por Espiral Maior e logo estará nas livrarias

Tanxerina o seu imaginário pós-colonial. Nom pensa que fosse consciente. E mete-lhe algo de medo ser o seu introdutor na literatura galega. Assinala os poemas de Lino Braxe “escreveu um livro de temática orientalista e também Avilés de Taramancos que tivo na última parte da sua produção esse nexa com a negritude e um pouco com as culturas oprimidas” e logo interpreta as palavras dos que decidiram seu o Xosemaría Pérez Parallé “eu creio que a minha é umha aposta, se calhar, para me envolver mais completamente. E figem-mo de umha perspectiva internacionalista. Para mim a negritude é umha naçom, a negritude está em luita”. “Eu dixem umha cousa na entrega do prémio que gostaria de repetir: isto pode ser poesia de temática pós-colonial mas nom pós-colonial. A poesia pós-colonial da Galiza está por vir, e algum dia na Galiza toda a poesia será, por defeito, pós-colonial. Ou assim o espero.”

Mario Regueira tem publicado,

para além desta obra poética, o livro de relatos *Rebelión no Inverno* (Colecção Abismos de Xerais). “Eu creio que o escritor de relatos pode jogar muito com o leitor, mexê-lo, enganá-lo, abusar dele, que é umha cousa que eu gosto de fazer um pouco, mas sempre o tem que ter atado a algo, tem que lhe dar umha série de respostas. Escrever poemas liberta um pouco mais porque permite estabelecer um código que nom se há de traduzir ao leitor. A minha poesia, por exemplo. Escrevo algo que é absolutamente interpretável, nom explico o poema, porque entom o poema perde, perde inúmeros significados potenciais”.

E há umha novela preparando-se para sair à rua, *L'Affiche Rouge* – título que rouba de um poema de Louis Aragon – também em Xerais. “Umha novela generacional, que fala de ser estudante em Compostela”. Agora pode-se ler *Tanxerina*, umha poesia com muita areia e muitos olhos. *A miña pel de escorpion torrada baixo o sol / como outra bandeira que ver / achegándose longa polo deserto.*

Marcos Payno e D. Mutante apresentam projecto Galegoz



Música Marxista-electricista pensada e feita na Galiza

GALEGOZ / Galegoz nasce no final de 2005 como um experimento de membros do Colectivo Perverso para formar um grupo virtual que fusionasse diferentes disciplinas: música electrónica, teatro, vídeo... Em Fevereiro de 2006, animados polo bom acolhimento do simples Galician Chimpanzee, decidem constituir-se em banda. E assim o experimento cristaliza no disco Galician Chimpanzee (um trabalho de manufactura caseira editado pola discográfica Vir), e o grupo virtual transforma-se numha banda formada por músicos procedentes de algumas das melhores bandas do panorama musical galego: Xenreira, Nen@s da Revolta, Matraca Perversa, Jarbanzo Negro, Diplomáticos de Monte-Alto, Mutantes Metálicos Band, A Companhia do Ruído, etc.

A Banda Galegoz está formada por: Marcos Payno (voz), Denis Mutante (voz) Pulpiño Viascón (bateria, percussões e coros), Manuel Payno (trompeta e coros), Alex Salgueiro (flauta travesseira e teclado), Tomás Ruído (técnico de som) e Matías Olazábal (guitarra), além das colaborações de membros do Colectivo Perverso. Este Verao contará com as vozes de Bayo, líder das bandas madrile-

nas Django FM e Bayo y Fa Palermo, que se une à banda depois de colaborar em dous temas do disco.

Bases electrónicas, misturadas com ska, reggae, funk e soul, e salpicadas por letras combativas, irreverentes e, por vezes, mesmo surrealistas conformam o original som de Galegoz. Música marxista-electricista, o que chamam 'aranhoto style', música de baile pensada e feita na Galiza. Samplers, loops, percussões, guitarras, ventos e vozes, apoiados por vídeo e performance configuram este espectáculo galego multimedia que prepara a sua apresentação. Umha ciber-verbena electrónica adereçada com melodias singelas, ventos contundentes, estética circense, atitude punk e três vezes dando guerra ao poder e às injustiças sociais, fugindo de dogmatismos e sem perder nunca o humor... e, evidentemente, sem esquecer a festa.

Galegoz começará a tocar polo País este Verao, apresentando o seu primeiro disco Galician Chimpanzee editado por Vir (selo de Ouvirmos), que ademais contém dous videoclips feitos pola própria banda. Um disco gravado entre a Estrada e Ribeira e que inaugura o chamado Aranhoto Galegoz Style.



A GALIZA NATURAL

Garrano, o pónei da Gallaecia

JOÃO AVELEDO

*“COM CORNOS E COM GRITOS CERCAM AS BESTAS POLOS MONTES ATÉ
CONSEGUIREM ENCURRELÁ-LAS. UMAS SACRIFICAM-NAS PARA AS COMER,
OUTRAS DOMAM-NAS E SERVEM PARA MONTAR E PARA AS LUTAS GUERREIRAS”
(ESTRABÃO, GEÓGRAFO GREGO)*

Chegados os dias longos e os calores, nas serras começam os curros... Valga, Torronha, Mougás... madrugam para reunirem os garranos mais puros. Cavalos que vivem todo o ano à solta, são baixados dos montes em festa multitudinária. “Filhos de éguas fecundadas polo vento”, no parecer dos romanos, estes póneis célticos pertencem ao mesmo tronco que o Asturcão, Pottok, Dartmoor, Exmoor, Gales, Connemara, Shetland e Highland, raças distribuídas ao longo do Arco Atlântico. O de “asturcão” nunca foi nome popular, mas o que os romanos davam aos cavalos de galaicos e astures (Plínio). A raça “reinventou-se” logo em finais de 70 a partir de só 12 exemplares da Serra do Sueve... O problema aqui é de limites administrativos e “falsos nacionalismos”, que não sabem do continuum genético, mas sim de barreiras psicológicas. O mesmo acontece com Portugal. O garrano estende-se polo Minho e já em 1872 Bernardo Lima falava em “raça lusogaliziana”. Pois bem, oficialmente, os garranos de aquém-Minho pertencem a uma outra raça denominada “Pura Raça Galego”, a imitação do andaluz “Pura Raça Espanhol”. Há uns anos, quando a cria só estava subsidiada em Portugal, o presidente da associação de criadores galegos, queixava-se



A perda de pureza genética é a principal ameaça para o garrano

publicamente da “fraude” que implicava que os portugueses viessem comprar cavalos à Galiza, pois após cruzada a Raia, segundo ele mesmo reconhecia, as “duas raças” eram indistinguíveis... A principal ameaça para o garrano está associada à perda de pureza genética por cruzamento com outras raças, a fim de melhorar a sua produção cárnica. Os intentos de recuperação começaram em 45, no Gerês, onde já não havia garranos em liberdade, polo que o Governo português foi procurar animais domésticos, mais ou menos puros, para assim constituir um primeiro núcleo com 21 exemplares. Em 98, estabeleceu-se na Galiza o Livro Genealógico para o registo de exemplares dentro do estalão e em 2005, inaugura-se o Centro

de Referência de Sergude (Boqueixão).

O garrano é um cavalo pequeno, de sólida estrutura física, inteligente, de temperamento dócil e tranquilo (quando criado na casa). Ideal para a monta, apresenta dous andamentos característicos, a andadura e o passo travado.

A sua importância ecológica é excepcional e explica a persistência do lobo nos nossos montes. Aliás, pode tornar-se uma eficaz ferramenta na prevenção de incêndios, ao controlar o mato.

Falamos, com certeza, de um tesouro milenário, os mesmos póneis que os nossos antepassados gravaram na ‘Laje dos Cavalos’ em Campo Lameiro ou na ‘Pedra do Outeiro do Crivo’ em Armenteira.

A CONJUGAR O VERBO SEXUAR

Carta à Cultura Circula

BEATRIZ SANTOS

Querida Cultura-Circula:

Espero que ao receberes estas duas letras te encontres com boa saúde; eu melhor desde que vim entrar umha raiola por um buraquinho do teu toldo.

Dá a sensação de que nela havia gente que lhe pretendia dar ao fenómeno sexual a carta de cidadania (habitualmente negada nos quadros dos valores humanos) desligando-o de doenças, prevenções e perversões.

A sexualidade (esse jeito peculiar que temos de nos vivermos como pessoas sexuadas) e a cultura (o que se cultivava) vam de maos dadas. Assim, a primeira afasta-se da velha dualidade proibido-permitido para passar a ser CULTIVÁVEL.

Os instrumentos que o tornáram possível fôrom: por um lado obradoiros, com o que implicam de metodologia ajeitada, de contacto e troca; por outro, umha vídeo-projeção de pós-porno aberta a todo o público, pertinentemente elaborada e perfeitamente integrada no complexo do toldo.

Projeção que recolhia as ideias básicas do pós-porno e as suas musas-artífices (Annie Sprinkle, Del Lagrace...).

Agarimos, psico-erotismo, casal, fantasias eróticas, masculinidade, pós-pornografia, confusões sexuais... Se isto foi assim em actos promovidos pola Administração, esta humilde mas de quando em vez alorizada sexóloga, vê que nem tudo esta perdido. Que se pode.

Alguém ali dentro sabia da existência do tal cultivo e pretendia-se que parte dos e das galegas também o conhecessem, que tivessem a oportunidade de achegar-se à dimensão sexual como algo a explorar com agrado e prazer, oferecido com umha boa correção terminológica (sabia-se de que se falava) em contraste com o atrapalhado discurso habitual.

Eu também desfrutei.

Parabéns.

P.S. Ah! e nom se ofereciam condons!!!

*Bem-vinda de chegada;
essa tua bem vinda
era-che mui desejada*

ARROZ COM CHÍCHAROS

Quisado de feijões

MIGUEL BURROS / Ingredientes

(4 pessoas):

500 g de aboborinha (cabacinha)
1 quilo de feijões frescos debulhados
1 pimento grande
250 g de tomates
3 dentes de alho
Azeite
Manjerico
Água

PREPARAÇÃO: Limpa-se e corta-se aos quadrinhos a aboborinha. Separa-se. Corta-se o pimento em tiras. Podem-se descascar os toma-

tes antes de cortá-los em pedacinhos pequenos ou simplesmente picá-los. Numha pota com tampa frita-se o alho num chisco de azeite durante uns segundos. Adicionam-se os feijões e água ate quase cobrir tudo. Tapa-se a pota e cozem-se os feijões até que estejam quase feitos (aproximadamente 10-15 minutos). Acrescentam-se os demais ingredientes excepto o manjerico e coze-se tudo durante 20 minutos. Ao finalizar a cozedura acrescenta-se um chisco de manjerico. Pôr sal e pimenta.

LOCAL SOCIAL
REVOLTA
Rua Real, 32
Apdo. 287 - 36200 VIGO

R
revira
local social
Arcebispo Malvar 33 Ponte Vedra

CACHAN
Toureiros 16

Rúa Nova
n
CAFETERIA
RESTAURANTE
Rua Nova, 36 - Santiago de Compostela
Tlx.: 981 544 900
Tlx./Fax: 981 571 373

Embora
Tras San Fiz de Solovio, 2
15704 Compostela
emboracafe@mixmail.com
Gz
Cafe



DE BASE

Abraám Alonso, sócio da Baiuca Vermelha

“Consideramos muito grave que as autoridades fechem locais sociais do País”

GERARDO UZ / A Baiuca Vermelha é um centro sócio-cultural atípico dentro da rede galega de locais associativos. Situado em Ponte Areias – Rua Redondela, 11 –, o local social pertence a um partido político, NÓS-UP; mas as iniciativas – palestras, jogos, jantares e roteiros, entre outros – pertencem a uma assembleia que integra todas as pessoas

interessadas em participar neste projecto. Num momento em que o ‘establishment’ político de algumas das cidades e vilas do País estão a desenvolver campanhas de criminalização do movimento associativo galeguista, com acontecimentos como o encerramento da Esmorga ou as sanções económicas à Gentalha do Pichel, a Baiuca goza de uma saúde excelente.

“A Assembleia Aberta da Baiuca Vermelha é a razão de ser deste projecto, o que lhe dá vida”, assegura Abraám Alonso, sócio deste centro sócio-cultural. Para poder participar, o único requisito é pagar a quota de um euro mensal, “algo simbólico”, certifica o entrevistado, que aponta que o local conta com mais de trinta associados e associadas.

Na Baiuca Vermelha promovem-se actividades muito diversas para dinamizar a vida social e cultural de Ponte Areias, como “exposições e exposições de documentários, roteiros, jantares populares ou palestras”, na linha de oferecer um espaço autogerido e dinâmico à margem da infraestrutura oficial, explica Abraám.

O centro social Baiuca Vermelha cumprirá o seu primeiro ano de existência no vindouro dia 29 de Julho, mas hoje em dia já é difícil de perceber a vida social e cultural de Ponte Areias sem ele, como também nos pareceria difícil imaginar Ferrol sem Artábria, Compostela sem a Gentalha do Pichel ou a cidade de Ourense sem a Esmorga.

Porém, episódios recentes como o encerramento deste último local por decisão da Câmara Municipal ourensana ou as san-



A Baiuca Vermelha em plena actividade.

ções económicas que o Câmara de Santiago impujo à Gentalha do Pichel após a celebração da Festa do Dezassete, dá para reflectirmos sobre as ameaças que pretendem enturvar a boa marcha destes centros. Abraám assegura observar “com preocupação” este tipo de acontecimentos, e julga “muito grave que as autoridades fechem locais sociais do País”.

Por enquanto, o entrevistado valoriza positivamente o sucesso

da Baiuca e a resposta dada pelo tecido associativo de Ponte Areias a este projecto que, em breve, estará acompanhado por um outro, o centro social *O Fresco*, que levará este nome em homenagem ao guerrilheiro antifranquista da localidade e estará gerido por jovens activistas. Ainda, na Praça Maior da vila encontra-se a *Casa da Triga*, conhecida como Espaço Estrela, um local alternativo vinculado ao movimento sócio-político do BNG.

Organizam concurso fotográfico sobre o 'feísmo' na Costa da Morte

REDACÇÃO / Com a organização do concurso fotográfico de denúncia do feísmo, o colectivo *Activismo Costa da Morte* pretende fazer constar a incoerência do urbanismo descontrolado como motor do turismo de qualidade. A intenção é denunciar nas instantâneas fotográficas, desde os complexos residenciais de última geração ao pé da mesma costa, até as reformas mais esquisitas que se podem ver nas casas tradicionais do país., passando por fachadas pintadas com cores diversas. Segundo os

organizadores, o concurso vai pôr em destaque “que nom se está a potenciar o identitário da comarca perante o urbanismo selvagem que ameaça com transformar a zona numha nova Marbella”. O prazo de apresentação das obras vai do dia 21 de Maio até o 11 de Agosto de 2006. O tamanho máximo de cada obra será de 150 KB. e cada um dos concorrentes poderá apresentar um máximo de 5 através do correio-e: activismocostadamorte@hotmail.com Umha vez concluído o prazo de



apresentação de obras os visitantes do espaço www.costadamorte.galeon.com participarão na eleição das obras ganhadoras.

LÍNGUA NACIONAL

JUST DO IT (Fai-no)

VALENTIM R. FAGIM



Quando umha sociedade tem um tecido associativo fraco, como acho é o caso da Galiza, é comum surgir a síndrome de Moisés. Esta doença traduz-se numha espera, nom por um Messias, mas por políticas. Agora que no Governo estão “os nossos”, embora coligados com “os outros”, há malta que fica à espera.

Uns esperam as galescolas, outros a última aventura do Asterix em galego, outros, um segundo canal de televisom, outros um restaurante onde poderem pedir lulas grelhadas...

O que se passa é que o Moisés é vagaroso e a espera mata e, o que é melhor, existe outra hipótese: JUST DO IT, aliás, FAZER, construir redes sociais de marca galega. Nom há que esquecer, ainda, que a

máxima do poder é a sua preservação. (Por outras palavras, a ideologia sempre acaba por ceder). Sendo assim só resta dar nas vistas e para isso há que ser visível. A respeito disto muito nos poderiam ensinar os nossos precursores de antes de 36. Com muitos menos meios foram capazes de criar instituições e redes.

Afinal o jogo é nom confundir esquerda com O ESTADO FARÁ TUDO, porque, para já, nom temos Estado. Se queremos viver na nossa língua devemos interagir com os que a falam e CRIARMOS. Ter o nosso copyright, oferecer qualidade e um produto diferente, enfim, seduzir.

Deixo-vos, vou até a livraria Torga comprar ‘O Céu cai-lhe em cima da cabeça’.

POLOS OLHOS DE...

LEO I ARREMECÁGHONA

Um Livro:

O Crepúsculo e as Formigas, de Méndez Ferrín, porque nunca mais hei de acreditar tanto num livro.

Um Disco:

Berlín, de Lou Reed, porque conta umha história de amor

entre gente que a gente acha que nom tem história nem amores.

Um web:

arequeifa.blogspot.com, porque está a acontecer aqui e agora.

DESCOBRIR O QUE SABES... por Salva Gomes.

1. Que galego estivo à frente dos Mambisis cubanos na sua luta pola independéncia contra Espanha?

Fuco Gomes- Francisco Vilamil -Curros Henriques

2. De quem é a autoria de Memórias dum Neno Labrego?

Rosalía de Castro - Celso Emilio Ferreiro - José Neira Vilas

3. Que é a Arousiada, em relación à ria de Arouça e às suas ribeiras e portos?

Vento da Ilha de Arouça- Um romance - Umha dança

4. A que mulher da história galega pertence o nome completo de Ana Maria Manuela Isabel Josefa Gomes e Gonçalves?

Maria Vinhais- Maria Castanha- Maruxa Malho

5. Com que clube de futebol europeu mantém, nos dias de hoje, linhas de cooperação o EZLN?

Inter de Milán -Osasuna- Hertha Berlin

6. Em que ano se cria a Coordenadora de Presos em Luita (COPEL)?

-1976 -1980 -1984

Soluções :

NEIRA VILAS, 3; UCHA DANÇA, 4; MARIA MANUELA ISABEL JOSEFA GOMES E GONCALVES, 5; INTER DE MILAN, 6; 1976

DESPORTOS

Futebol, política e negócios

O futebol, a política e os grandes negócios sempre têm ido de mãos dadas, aqui como noutros lugares. No nosso país conhecemos casos avoado que nos permitem afirmar que o fute-

bol, com a sua enorme projecção mediática e social, é um bolo o suficientemente suculento e guloso como para deixar passar a oportunidade de benefício político ou crescimento

dos lucros. O desembarco do empresário emigrante Carlos Mourinho no Celta dá boa conta desta forte inter-relação, que decerto vai dar, doravante, muito que falar.

XAVIER S. PAÇOS / As trajetórias vitais de Augusto César Lendoiro e Horácio Gómez resumem perfeitamente o que queremos afirmar. Lendoiro aceitou a presidência do Deportivo após umha bem sucedida gestão no Liceu, que converteu na melhor equipa de hóquei em patins do mundo. Na altura Lendoiro nom tinha mais fortuna que a derivada do seu salário como director de umha escola. Hoje ganha por ano exactamente 1% do orçamento total do Deportivo, quer dizer, por volta de 100 milhões das antigas pesetas. Também nom descartou incursões políticas nos anos mais duros do vasquismo. Em 1995 encabeçou as listas do PP, obtendo os melhores resultados da extrema-direita na cidade sob o mandato vasquista.

Os sucessos desportivos permitiram a Lendoiro escalar postos no organigrama do PP galego. Ainda que o seu nome soasse para secretário geral para o Desporto e mesmo para ministro no primeiro governo Aznar, o corunhês deveu-se conformar com a presidência da mais poderosa das deputações galegas. A sua estrela política só começou a declinar quando chocou com o patrom do PP corunhês, o opusdeísta Romay Beccaria, que fijo com que nom repetisse como cabeça de lista na Corunha.

Foi entom quando decidiu dedicar-se completamente ao Deportivo para receber 1% do orçamento. Na sua presidência, o clube herculino atingiu os melhores êxitos da sua história centenária. Na actualidade, a incerteza rodeia o futuro do clube; especula-se mesmo com a saída de Lendoiro. O presidente deixaria a entidade com umha dívida que oscila entre os 150 e os 180 milhões de euros, quase sem 'canteira' e com um projecto desportivo que nem a disciplina de Caparrós parece poder conduzir. Ora, também fica um estádio renovado, 30.000 sócios e sócias e as prateleiras reluzentes com seis títulos.

Negócios e localismo em Vigo

Durante os anos gloriosos da equipa corunhesa, a torcida da Galiza sul resignava-se ao segundo plano e laivava-se por ter 'um presidente tam burrinho' como Horácio Gómez. Originário de umha família humilde de Tominho, fijo a sua carreira empresarial escalando a



Lendoiro nom tinha mais fortuna que a derivada do seu salário como director de umha escola. Hoje ganha por ano exactamente 1% do orçamento total do Deportivo, quer dizer, por volta de 100 milhões de pesetas

partir do nada. O homem que começou instalando cerveja à pressom da Mahou polos bares, fazia-se em poucos anos com a distribuição de bebidas em todo o território do País. Quando entrou na directiva de Rivadulla em 1989, era já um dos dirigentes mais ricos do clube. É nesses anos de ascensão empresarial quando Horácio abandona a língua que ouvira e falara sendo criancinha e adolescente.

Polo seu penoso papel durante a 'crise dos avais' no Verão de 1995 e polas suas patéticas declarações foi alcunhado de 'pailao', apesar de protagonizar o derrubamento do seu predecessor Inácio Núñez. Desde entom, umha das teimas de Horácio foi aprender a falar um correcto espanhol e poder tecer um discurso sem pausas contínuas.

Mas contudo jogou forte na empresa e na política, utilizando o Celta como plataforma. As más línguas contam que ia nas listas sempre que nom o obrigassem a falar em público. Ao demitir como vereador e vice-presidente da Deputação confessou ter entrado na política para conseguir um melhor estádio para o Celta. No entanto, estendia os seus domínios na Ribeira Sacra, controlando 80% da produção vinícola dessa denomina-

Carlos Mourinho nom suscita confianças, nom sendo na imprensa espanhola, que o louva. Empresário obscuro de fortuna amassada no México, bem relacionado com políticos da extrema-direita, está a ser investigado pola Interpol por negócios sujos. Participou com outros directivos do Celta no 'pelotazo' urbanístico de Nigrám

ção de origem, e continua a estender o seu negócio de distribuição de bebidas.

Vai-se do Celta de novo na Europa, vendendo as suas acções por um valor três vezes superior ao inicial; reduziu a dívida e recuperou um projecto desportivo estimulante. Ora, a 'canteira' morre por inanição, perdeu milhares de sócios e nom conseguiu título nenhum. Também conduziu o maior processo de desgalguização de umha das instituições mais representativas do País, enfatizando o localismo e desconsiderando os milhares de siareiros celtistas que acompanham a equipa em todo o País.

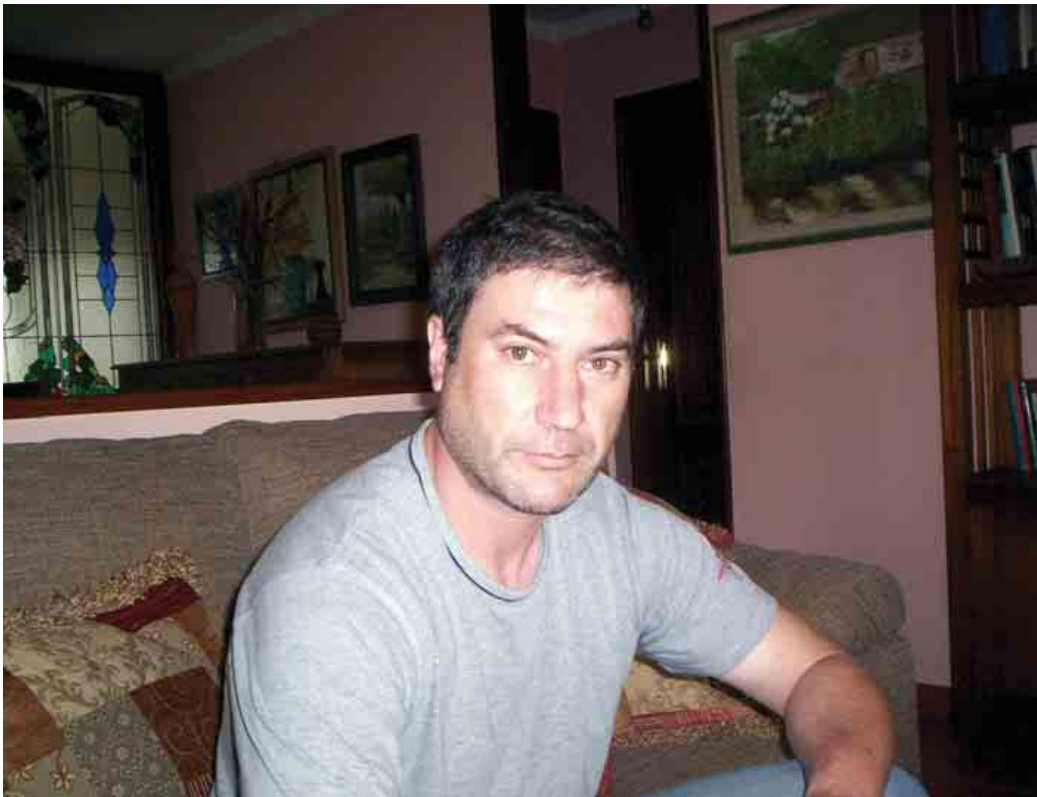
O 'discreto, prudente e sem alarde' Carlos Mourinho nom suscita confianças, nom sendo na imprensa espanhola, que o louva. Empresário obscuro de fortuna amassada no México, bem relacionado com políticos da extrema-direita, está a ser investigado pola Interpol por negócios sujos. Recentemente foi desvendada a sua participação -ao lado de outros directivos do Celta- no grande 'pelotazo' urbanístico do Vale Minhor, parcialmente paralisado pola rebelião popular às portas da Câmara Municipal de Nigrám. Alfredo Rodríguez, autar-

A hipotética saída do presidente do Deportivo da Corunha deixaria a entidade com umha dívida que oscila entre os 150 e os 180 milhões de euros, quase sem 'canteira' e com um projecto que nem a disciplina de Caparrós parece poder conduzir. Ora, também fica um estádio renovado, 30.000 sócios e sócias e as prateleiras reluzentes com seis títulos

ca da vila, é director geral do clube viguês e parente de Mourinho. O novo presidente e os seus colaboradores comprárom terrenos muito baratos de solo rústico, sabedores de que o novo PGOM preparava a requalificação para a máxima edificabilidade.

No plano desportivo, Mourinho volta ao pior localismo viguês. A legenda da nova jeira é 'Celta, 100% Vigo'. Explicaria alguém a este senhor que 40% dos sócios e sócias celtistas som de fora da cidade, o que reforça a condição nacional da equipa? Por acaso nom saberá que a 'claque' mais antiga do Celta é a de Vilalva, fundada em 1942? Também desconhece que a mais numerosa está em Porto d'Ozom? E como se sentirám os membros de claques tam emblemáticas como as do Carvalhinho, Barco, Santiago, Estrada, Burela ou Ferrol? Porventura a nova equipa de marketing procede de Madrid.

Se o Celta é algo nom é por poder alcançar o Madrid ou o Barça (cousa impossível hoje); é-o pola história, o nome, o escudo e o eco vibrante da 'rianjeira'. Um Celta nom galego seria um Celtic nom irlandês, um Barça nom catalám, um Ajax sem 'canteira' ou um Liverpool sem a lenda de Anfield.



| ANTOM VILACOVA | MÚSICO |

“Nas festas populares dominam a máfia das agências e as macromontagens em formato televisivo”

A. SANTOS / Há duas décadas que Antom Vilacova está no mundo das orquestras, percorrendo como guitarrista centos de festas populares do País. Natural do concelho de Ames, escolheu esta forma de vida para garantir a sua sobrevivência e poder dedicar-se nos tempos livres à sua verdadeira inclinação: a música de fusom. Farto da precariedade do sector, hoje trabalha como vidreiro, pensa em lançar um grupo de jazz e combina a sua vida laboral com o activismo no Centro Social a Fouce.

- Comenta-nos como fôrom os teus primeiros passos no mundo da música.

- Ia para alvanel sendo muito novinho, mas aos dezasseis anos inclino-me pola guitarra, com grande surpresa da família. Volto do serviço militar e ponho-me a fazer música para um grupo de teatro em Compostela. Como aqui na Galiza da música a sério quase ninguém vive, metim-me nas orquestras.

- E como valorizas a experiência?

- No laboral, a experiência, pés-simo, e no criativo mal também. Movem-se milhons de euros em doaçõs desinteressadas da vizinhança, mas tudo vai parar a agências que fam o que querem e nom deduzem. Mais umha vez, a riqueza gerada nom reverte ao País.

- E os trabalhadores e trabalhadoras?

- Pois imagina. Cada día que umha pessoa vai tocar é umha alta e umha baixa. Os días de ensaio nem contam. Assim que tenho só dous anos deduzidos. É um desastre.

- Existirán reivindicacions ...

Poucas e desarticuladas. O sector é amplíssimo na Galiza, à diferença de Espanha, o que poderia dar grande força. Mas predomina a filosofia de 'cada pessoa ao seu, e nom armar muito barulho'. Os independentistas como eu somos contados no sector.

- Gente como tu teredes reivindicacions claras.

- Sim, além do que comentei de descontar para a Segurança Social, que o sector passe a estar em maos públicas. Imagina que umha administra-

ção soberana galega gere esses milhons que saem das aldeias e organiza umha indústria musical: investindo em escolas, grupos, seminários... Mas nom há nenhum interesse em controlar esse dinheiro negro.

- Como é tratada a cultura galega nas festas?

- O único galego som as festas em si mesmas. Os conteúdos, pura imitação de rádio-fórmulas e televisom, com o público a engolir o que lhe dam.

E músicos com pouca dignidade que nom oferecem outra cousa. Eu abandonei 'Abanico' e agora só penso em organizar os meus próprios grupos, trabalho na organizaçom de um quarteto de jazz.

- Compartilhas esse optimismo que tenhem muitos sobre o futuro da música galega?

- Fora do circuito das pachangas-festa, já organizado, o resto está muito complicado.

A Administraçom nom favorece circuitos para que outras músicas funcionem.

O que mais cresceu foi o folk, e mesmo este é um sec-

tor muito amplo difícil de canalizar.

- Como achas que evoluiu um associativismo nacionalista num concelho rural como Ames?

- Há vinte e cinco anos lançamos a associaçom cultural Jovens 1846, com muitas dificuldades, mas também com muitos frutos. Figemos arreu, também na ADEGA. Depois aconteceu que venceu o individualismo, o 'salve-se quem puder', e muitas pessoas fôrom derivando muito para a direita. Uns colocárom-se e outros abandonárom.

- E as perspectivas do novo Centro Social em Bertamiráns?

- Pois já era hora de que nascesse de novo a semente, para que nom se perda a ideia da identidade do País, da soberania e dos movimentos. Nom há que deixar que do trabalho dos de baixo se aproveitem os políticos, como figérom connosco nos anos 80. Uns partimos o lombo para introduzir na sociedade o nacionalismo popular, nas condições difíceis do rural, e outros fôrom polos votos.

Dous viveirenses imprescindíveis

XURXO MARTÍNEZ

Os Villar Ponte som dous irmaos chave para entender o nascimento do galeguismo, da sua organizaçom e das suas posturas políticas. Som vidas dedicadas à causa, exemplos do dever do próprio nacionalismo, onde a presença destes viveirenses é constante. Desde 1916 até 1936 estiverom sempre na militância política e cultural.

Antón é um trabalhador, emigrante, luitador e fiel à causa da esquerda. Exemplo disto é que o seu primeiro artigo, no ano 1899, é em defesa de uns operários que estavam em greve. Umha linha de compromisso que se mantém até o fim. É também um ideólogo, um orador, um organizador constante de actividades, activo e presente em qualquer acto galeguista.

Ramón é um independentista declarado, afirma-o publicamente em artigos e nom esconde essa condiçom. Certo é que no PG deve adoptar posturas mais na linha do partido, acatando a disciplina. É esta umha qualidade que o destaca, a disciplina. Homem fundamental na defesa da língua onde adopta posturas intransigentes. Católico mas nem por isso tradicionalista. Aplauda a URSS como exemplo de estruturaçom do Estado. Estudos sobre lingüística, história ou obras teóricas do nacionalismo, som exemplos do esforço deste homem.

Muitas coisas ainda há que falar mas nom é objectivo deste artigo onde só nos propugemos chegar-vos brevemente a estas duas figuras que a história se negou a pôr ao mesmo nível de Bóveda e Castela. Se calhar umha injustiça. Polo menos para mim, sim.